

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Káthia Silva Gomes

**SOB O SOL DE SATÃ NO INTERIOR MINEIRO:
Fé e Liberdade em Bernanos**

Belo Horizonte
2014

Káthia Silva Gomes

**“SOB O SOL DE SATÃ” NO INTERIOR MINEIRO:
Fé e Liberdade em Bernanos**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Antônio de Paiva

Belo Horizonte
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

G633s Gomes, Káthia Silva
Sob o sol de satã no interior mineiro: fé e liberdade em Bernanos / Káthia Silva Gomes. Belo Horizonte, 2014.
91f.

Orientador: Márcio Antônio de Paiva
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

1. Bernanos, Georges, 1888-1948 - Sob o sol de Satã – Crítica e interpretação.
2. Bernanos, Georges, 1888-1948 - Diário de um Pároco de aldeia - Crítica e interpretação. 3. Religião. 4. Fé. 5. Liberdade. 6. Bem e mal. I. Paiva, Márcio Antônio. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 248

Káthia Silva Gomes

SOB O SOL DE SATÃ NO INTERIOR MINEIRO: fé e liberdade em Bernanos

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial par obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Prof. Dr. Márcio Antônio de Paiva (Orientador) – PUC Minas

Prof. Dr. Lindomar Rocha Mota – PUC Minas

Prof. Dr. Antônio Alvimar Souza - UNIMONTES

Belo Horizonte, 24 de abril de 2014

À minha mãe Terezinha, exemplo de fé e determinação, dedico, em tom maior.

Ao meu pai Marcos, que mesmo na ausência, impulsiona a minha jornada, dedico com satisfação este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Muitas mãos foram responsáveis, direta ou indiretamente, para conclusão dessa dissertação. Tanto no que diz respeito à esfera intelectual como também e, sobretudo, na dimensão afetiva/amorosa, traduzidas quer seja pelo apoio, próximo ou distante, pelo silêncio, pelas orações dirigidas a mim ou simplesmente porque algumas pessoas “torciam” por mim. Muitas foram verdadeiramente as pessoas que contribuíram antes e durante à realização de minha dissertação que agora passo a evidenciar com uma profunda gratidão.

A DEUS, sempre o alicerce na construção de minha vida com o qual este trabalho fez-me aproximar Dele, compreendi que quanto mais lia e estudava sobre Fé e Liberdade, mais tinha a certeza de minha aproximação pessoal e espiritual com Ele. Com a mesma veemência agradeço a Maria Santíssima, a minha mãe do céu, a quem sempre rezei pedindo capacidade intelectual para realizar este trabalho e colocava-lhe em todas as preces.

Ao meu esposo e companheiro DIMAS, por me ajudar e me apoiar em todos os momentos, por me instigar a buscar meus sonhos e crer na realização deles, bem como no auxílio inestimável nas várias correções ao texto.

Aos meus amados filhos TOMÁS e JÚLIA razão de todas as minhas conquistas. Com lições herdadas de meus pais e de atos de amor, carinho, compreensão e ética, digo com orgulho, que estou participando do “despertar de pessoas” de TOMÁS e JÚLIA. Amo-os infinitamente!

A minha FAMÍLIA, canalizadora das expressões e emoções, especialmente minhas irmãs MÔNICA, CARLA e meu cunhado WELLINGTON, que me acolheram em sua casa quando estava cumprindo os créditos em Belo Horizonte. Quero ainda agradecer o meu irmão VINÍCIUS que, com todos os seus problemas, se disponibilizou em me ajudar com pesquisas na Biblioteca Nacional. Enfim, a todos os familiares que, direta ou indiretamente, me ajudaram e vivenciaram minhas angústias existenciais e intelectuais na elaboração da dissertação.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos do CENTRO ESPÍRITA LUZ E VIDA pelo apoio, preces dirigidas, pela paciência e por entenderem as minhas “ausências”

No plano acadêmico gostaria de agradecer aos Professores do PPGCR: Flávio Augusto Senra Ribeiro, Amauri Carlos Ferreira, Mauro Passos, Pedro A. Ribeiro de Oliveira e Roberlei Panasiewicz em especial ao meu orientador MÁRCIO ANTÔNIO DE PAIVA, pela confiança depositada, pelas lições de paciência, pelo apoio nas horas difíceis e pela distinta generosidade de trato.

Aos membros da Banca Examinadora, que gentilmente aceitaram o nosso convite: Prof. Dr. Pe. Antônio Alvimar Souza e Prof. Dr. Pe. Lindomar Rocha Mota.

À Secretaria do PPGCR, em especial a pessoa de Dênia Corrêa, pelo suporte administrativo, mas, principalmente, pela sensibilidade no encaminhamento de minhas questões junto ao Colegiado.

A todos os colegas de Mestrado, pela convivência, em especial a Sandson Rotterdam, Luis Henrique e Andreia C. Nascimento, amigos que tive o privilégio de conhecer e conviver.

À Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), através do Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais, e do Centro de Educação a Distância - CEAD que, ao me conceder licença para cursar o mestrado, me proporcionou condições temporais e financeiras à minha formação continuada.

Oh! Como somos loucos se não percebemos em nosso pensamento que é próprio da palavra incorporar incessantemente, ao universo sensível, o ser abstrato de que não temos a recear perigo algum, próximo e certo! Ai da cegueira que não se reconhece refletidas em outras faces já inimigas, de olhar odiento e boca amarga disfarçados! (BERNANOS, 2010, p. 135-6).

RESUMO

A presente dissertação estabelece relações entre o entendimento de fé e a noção de liberdade em Georges Bernanos, escritor católico francês. Tal abordagem discute o comportamento humano através da religiosidade a partir dos personagens principais das obras *Sob o Sol de Satã* e *Diário de um Pároco de Aldeia*. O romancista do final do Século XIX e início do Século XX foi um homem profundamente preocupado com o futuro da humanidade e a carência de fé e liberdade num período dramático da história humana. O tema fundamental em Georges Bernanos é a experiência intensa da espiritualidade, no mundo das técnicas, numa época de modernidade burguesa marcada por todas as formas de beligerâncias, individuais e coletivas, numa derrota de consciências. O principal objetivo desta dissertação é destacar a atualidade do pensamento de Georges Bernanos, identificando sua contribuição crítica no esforço filosófico de compreensão do homem moderno. O caminho para se chegar a esse entendimento deu-se a partir do levantamento documental, de depoimentos, entrevistas e circunstâncias de seus escritos sobre sua passagem por Minas Gerais. Também precedeu-se à interpretação de suas obras e da leituras de autores considerados testemunhos e amigos mais importantes, como Emmanuel Mounier e Jacques Maritain, Alceu Amoroso Lima, para realização de um diálogo das pesquisas bibliográficas. Aprende-se com Georges Bernanos – na retomada contemporânea de sua literatura religiosa – que é preciso não ter ilusões, mas permanecer apaixonadamente enamorado pela vida, pela via do exercício cotidiano da fé e da liberdade. Nele, a crença em Deus e a salvação eterna compensam toda a luta e aflição do ser humano, que o tempo todo tem que lidar com as contingências da vida e a incompreensão dos infiéis.

Palavras-chave: religião, fé, liberdade, bem, mal.

RESUMÉ

Le travail en cause établit des rapports entre la compréhension de foi et la notion de liberté pour Georges Bernanos, écrivain français catholique. Une telle approche discute le comportement humain à travers la religiosité à partir des personnages principaux des œuvres "Sous le Soleil de Satan" et "Journal d'un Curé de Campagne". Le romancier de la fin du XIX^{ème} siècle a été un homme profondément soucieux de l'avenir de l'humanité et la carence de foi et liberté dans une période dramatique de l'histoire humaine. Le thème fondamental pour Georges Bernanos c'est l'expérience intense de spiritualité, dans le monde des techniques, en une époque de modernité bourgeoise, marquée par toutes formes de belligérances individuelles et collectives, dans un échec de consciences. Le but principal de ce travail c'est de mettre un relief l'actualité de la pensée de Georges Bernanos, identifiant sa contribution critique à l'effort philosophique de compréhension de l'homme moderne. Le chemin pour arriver à cette entente s'est donné à partir de l'ensemble des documents, des témoignages, d'interviews et circonstances de ses écrits sur son passage, par Minas Gerais. Aussi, il y a eu l'interprétation de ses œuvres et des lectures d'auteurs considérés témoins et amis plus importants, comme Emmanuel Mounier, et Jacques Maritain, Alceu Amoroso Lima, pour la réalisation d'un dialogue des recherches bibliographiques. On apprend-avec Georges Bernanos – dans la reprise contemporaine de sa littérature religieuse – qu'il faut ne pas avoir d'illusions, mais rester amoureux passionné de la vie, par la voie de l'exercice quotidien de foi et de liberté. Pour lui, la croyance en Dieu et le salut éternel récompensent la lutte et le chagrin de l'être humain, qui doit tout le temps travailler les contingences de la vie et l'incompréhension des infidèles.

Mots-clés: religion, foi, liberté, bien, mal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONTEXTO HISTÓRICO E DIÁLOGO DE BERNANOS COM O CATOLICISMO EM FRANÇA E BRASIL	17
2.1 Situação religiosa e conflitos na Europa no início do Século XX com a intelectualidade no Brasil	18
2.2 Exílio voluntário e a eclosão da 2ª Guerra Mundial: descrença nos rumos da humanidade e encontro com a intelectualidade no Brasil	24
2.2.1 A busca do “paraíso perdido” no sertão norte-mineiro: presença em Pirapora.....	27
2.2.2 A resistência do “Cruzado” em Cruz das Almas e a luta pela cristandade	32
3 LITERATURA E ASPECTOS ÉTICOS RELIGIOSOS EM BERNANOS	38
3.1 Significado literário	39
3.2 Significado Ético Religioso	41
3.3 Afirmação da literatura nas Ciências da Religião	46
3.4 A questão do mal	49
3.5 A questão da Morte, da Dor e do Sofrimento	53
3.6 As virtudes: fé, esperança e caridade	57
3.6.1 A fé como fonte inesgotável de consolo	61
3.6.2 A Esperança: a incessante luta contra a mediocridade	62
3.6.3 A Caridade como fonte misteriosa do amor de Cristo	65
3.7 Liberdade e Livre Arbítrio enquanto uso inesgotável da vontade	68
4 CONFLITO E RESOLUÇÃO	72
4.1 Ser humano como ser de conflito	72
4.2 A liberdade na condição de fonte viva do ser errante	76
4.3 A questão fundamental da Fé: conflito entre carne e espírito	79
4.4 Fé e liberdade no horizonte das ciências da Religião	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho estabelece relações sobre o entendimento de fé e a noção de liberdade em Georges Bernanos (1888-1948) – escritor católico francês – a partir do estudo de duas de suas obras, desenvolvendo discussão de sua crença religiosa e sua interpretação dos problemas políticos, morais e éticos da sociedade. Tal abordagem discute o comportamento humano através da religiosidade a partir dos personagens principais das obras citadas e das críticas literárias. No Brasil, ainda pouco traduzido, sua literatura e manifestos deixaram um legado que, no pós-guerra, caiu no ostracismo editorial, voltando a ter visibilidade com novas publicações em português de algumas de suas importantes obras literárias.

O extraordinário legado do escritor católico, Georges Bernanos, auspiciosamente retoma seu lugar no cenário cultural brasileiro, graças às novas edições no Brasil de algumas de suas obras clássicas, como *Sob o Sol de Satã* (2010) e *Diário de um Pároco de Aldeia* (2011). Sua literatura aborda a dimensão trágica e agônica da existência humana, trabalha a noção do mal (pecado), a consciência da presença do mal nos pequenos gestos individuais da vida cotidiana.

O tema fundamental em Georges Bernanos é a experiência intensa da espiritualidade, no mundo das técnicas, numa época de modernidade burguesa marcada por todas as formas de beligerâncias, individuais e coletivas, numa derrota das consciências. Daí a necessidade de retorno ao místico, ao contemplativo, a uma cruzada da fé contra a hipocrisia.

Heterodoxo, porém contextualizado, o escritor francês do final do Século XIX e início do Século XX foi um romancista e ativista profundamente preocupado com o futuro da humanidade e a carência de fé e liberdade num período dramático da história humana. Sua literatura, manifestos políticos, críticas e depoimentos de intelectuais brasileiros que conviveram com o escritor atestam sua profunda preocupação com os rumos da civilização moderna.

Neste sentido, este trabalho visa traçar um perfil de um escritor nômade, que viveu intensamente no sertão mineiro, identificando sua militância religiosa, além de sistematizar informações históricas sobre sua presença no Brasil, especialmente no interior de Minas Gerais. A pesquisa investiga o sentido da

experiência espiritual que domina o universo bernanosiano. E também procura problematizar o entendimento de fé e liberdade e as possibilidades da experiência espiritual do mundo dominado pelas preocupações materiais, tendo como referência suas obras mais conhecidas no Brasil: *Sob o Sol de Satã* e *Diário de um Pároco de Aldeia*.

O principal objetivo deste trabalho acadêmico é destacar a atualidade do pensamento de Georges Bernanos, identificando sua contribuição crítica no esforço filosófico de compreensão do homem moderno, no que pese tratar-se de um pensador considerado “conservador”, orientado pelo tradicionalismo cristão, hierárquico e saudosista do legado medieval europeu, munido de nostalgia pela totalidade e pelo transcendente. Nesse prisma, o mundo teria entrado em decadência com a revolução industrial e científica, em detrimento da verdadeira construção do ser. Por isso mesmo, a importância atual de Bernanos é a retomada a uma crítica ao conformismo e à mediocridade. Em sua literatura o conflito existencial torna-se elemento constitutivo de formação das consciências, onde a crença religiosa readquire sua função primordial: a salvação.

A religiosidade do escritor francês pauta-se pelo inusitado, embora ciente da desgraça, mas também da potencialidade humana. Por se tratar de ficção – e por isso mesmo sem a pretensão de compilação metódica de conhecimento verificável – essa literatura nos induz à crítica ao determinismo iluminista e ao racionalismo esclarecido. Aguça a imaginação do leitor e o conclama a sair da letargia, por conta da narrativa dramática em exame das consciências. Em Bernanos, seguramente, há um tom e um dom proféticos.

Ao nosso ver, essa afirmação é congruente com o próprio estilo de vida adotado por Bernanos em sua passagem pelo Brasil, durante a 2ª Guerra Mundial, conforme depoimentos e relatos historicamente registrados, que, por diversas vezes, destacam o sentido “profético” de seu existencialismo cristão de alma dilacerada (SERRAZIN, 1968).

O nacional-socialismo fizera triunfar exatamente o homem mediano, conforme temia Bernanos, condicionado pelo racionalismo e utilitarismo. Ao contrário da liberdade na condição total da pessoa que exige sacrifícios pessoais, na concepção do pensador católico a modernidade totalitária

compromete a fé do indivíduo em Deus e em si mesmo, transformando-o em *funcionário*.

Nos seus manuscritos, o problema do mal adquire centralidade em todas suas nuances, perpassando as dimensões mais subjetivas dos indivíduos vocacionados. Nessa literatura não existe espaço para segmentações metafísicas, entre bons e maus. O perdão e a morte se complementam basicamente nas banalidades cotidianas. O mal se espalha em tudo e em todos. Daí a premência do diálogo com esse autor francês que é considerado, juntamente com Léon Bloy, Charles Péguy e Jacques Maritain, uma das grandes personalidades do pensamento católico do Século XX.

Parte-se da premissa de que o autor em questão, principalmente através de seus personagens, procura dar ênfase aos dilemas da condição humana, estabelecendo relações intrínsecas entre o *bem* e o *mal*, a *fé* e a *liberdade*, conjugando-os no mesmo universo dramático. Dessa maneira, fé e liberdade são elementos constitutivos da condição humana. Confrontados com o próprio *eu*, a atitude do homem deve ser o da esperança, do agradecimento pela crença em Deus.

Portanto, nossa metodologia partiu da leitura analítica das obras *Sob o Sol de Satã* e *Diário de um Pároco de Aldeia*. Paralelamente, foi realizado um levantamento documental de depoimentos, entrevistas e circunstâncias de seus escritos produzidos durante sua passagem por Minas Gerais, especialmente quando esteve em Pirapora, onde escreveu *Les Enfants Humiliés* e iniciou a elaboração de *Monsieur Ouine*. Foram visitadas as cidades de Pirapora e Barbacena. Na primeira, para entrevistar pessoas próximas de remanescentes do escritor, além de consultas a jornais da época e arquivos particulares; ao passo que, na segunda cidade mineira, para visita ao Museu Bernanos, na tentativa de localização de documentos e registros sobre a estadia do escritor francês no período de 1938 a 1945. De forma complementar, pesquisas também foram realizadas pela rede de computadores (Internet).

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica:

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há

pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

Mesmo concordando com Gil (2002) de que os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência, neste estudo utilizamos uma importante fonte de pesquisa que foi a Internet a fim de pesquisar os trabalhos e referências não só de Bernanos, mas autores que de alguma forma influenciaram ou foram influenciados por seu pensamento. No entanto, vale ressaltar que, em Internet, nem sempre as fontes e escritos são confiáveis, tornando as informações vulneráveis e interpretadas de forma equivocada. Assim, diante dessas limitações, o cuidado técnico na atividade de pesquisa foi redobrado. Por isso, sempre que possível, foram consultadas fontes bibliográficas originais, inter cruzando informações, além da identificação de fontes primárias.

Essas barreiras metodológicas recaem naquilo que Gil (2002) coloca sobre uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa, pois se as fontes secundárias forem reproduzidas de forma errônea, todo o trabalho fundamentado nessas fontes, tende a reproduzir ou ampliar esses erros. Desse modo, ele sugere, então: “[...] convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente” (GIL, 2002, p. 45).

As fontes bibliográficas foram consultadas tendo por objetivo tanto a referência informativa quanto remissiva, sobre as quais fala Gil (2002, p.28): “[...] pode-se falar em dois tipos de referência: livros de referencia informativa que contém a informação que se busca, e livros de referencia remissiva, que remetem a outras fontes” ¹.

A pesquisa, do tipo bibliográfica, foi desenvolvida em etapas, tendo por base a classificação de Gil (2002) a partir de um processo que envolve:

¹ Segundo Gil (2002), os principais livros de referência informativa são: dicionários, enciclopédias, anuários e almanaques. Os livros de referência remissiva podem ser globalmente designados como catálogos. Outra referência são as publicações periódicas, com a colaboração de vários autores, tratando de assuntos diversos, embora relacionados a um objetivo mais ou menos definido. As revistas e os jornais são as principais publicações periódicas e constituem nos tempos atuais uma das mais importantes fontes bibliográficas.

escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto.

Diante do material retirado das obras de Bernanos, das leituras dos autores considerados e testemunhos de amigos mais importantes para a realização de um diálogo, das pesquisas bibliográficas, foi possível formular algumas indagações-chave, que propiciaram um “recorte” de pesquisa, surgindo às seguintes questões norteadoras: Que lugar ocupam a fé e a liberdade como dimensões do espírito? E como se articulam produzindo os valores cristãos?

O segundo capítulo da dissertação pretende identificar fatores históricos que contribuíram para a formação e posição religiosa de Georges Bernanos. É traçado um perfil de sua militância religiosa e seu estilo literário, sistematizando informações peculiares sobre a presença de Bernanos no Brasil, especialmente em suas passagens por Pirapora e Barbacena, em Minas Gerais.

O capítulo seguinte procura identificar nas principais obras literárias de Bernanos o eixo central de seu discurso ético-religioso. Busca-se, na identificação dos elementos estruturantes dos romances, a trama ficcional que possa representar a concepção de espiritualidade do autor à medida que discute o sacerdócio vocacionado, a persistência do pecado no mundo, a expiação da culpa, os dilemas dos homens, retratados nas figuras do padre Donissan, de *Sob o Sol de Satã*, e do pároco de Ambricourt, em o *Diário de um Pároco de Aldeia*. As obras de Bernanos, tendo como o centro o mal, a vaidade, o egoísmo, permitem ao romancista tratar da crença no livre arbítrio, da responsabilidade do homem pela sua salvação, por meio da purificação constante da alma.

Por fim, a dissertação estabelece uma sistematização das questões tratadas em todos capítulos, tendo em análise o ser humano como ser de conflito. O esforço analítico foi identificar na obra e na personalidade de Georges Bernanos uma resolução que se traduz em esperança, fé e liberdade, apesar da persistência do mal.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E DIÁLOGO DE BERNANOS COM O CATOLICISMO EM FRANÇA E BRASIL

Este capítulo procura situar o escritor Georges Bernanos no contexto do pensamento e movimento católico francês, identificando as principais correntes doutrinárias e influências filosóficas e políticas que orientaram sua formação intelectual e ideológica. O resgate histórico retrata Bernanos no cenário de intensos conflitos na Europa, da 1^a a 2^a guerras mundiais, por ter sido testemunha ocular de acontecimentos brutais que marcaram profundamente sua literatura e manifestos de resistência contra o totalitarismo e nazismo, numa cruzada contra a falta de fé e liberdade no mundo moderno. Foi um momento em que toda civilização atingiu o ponto dramático de ruptura.

Aborda a trajetória do escritor e suas influências num contexto de conflitos ideológicos e violência explícita, localizando-o no campo conservador francês, onde conviveu e polemizou com as principais personalidades do início do Século XX. Essa trajetória culmina com o seu exílio voluntário no Brasil, após breve estadia no Paraguai e passagem pela Argentina, em busca do “paraíso tropical”.

O capítulo analisa a recepção e contato do escritor francês e sua família com a intelectualidade brasileira, francófona, vinculada ao catolicismo conservador: são escritores, ensaístas e políticos que testemunharam e o apoiaram no Brasil, num momento crucial da história nacional. O capítulo analisa ainda suas condições de estadia em Minas Gerais, quando tentou sobreviver como arrendatário de terra em Pirapora e, posteriormente, sua adaptação em Barbacena. Um período de intensa atividade pecuária no interior mineiro, mas que também serviu de trincheira panfletária contra a ocupação nazista na França. Aborda ainda seus encontros com figuras emblemáticas do pensamento cultural, como Alceu Amoroso Lima e Stefan Zweig, além de outros intelectuais.

Neste capítulo adota-se uma abordagem histórico-descritiva, procurando recuperar depoimentos e manifestos do escritor e seus amigos brasileiros, no cruzamento de informações e reparação de eventuais erros factuais registrados nos testemunhos. Por fim, procura realçar aspectos que consideramos poucos explorados nas publicações conhecidas sobre o escritor.

2.1 Situação religiosa e conflitos na Europa no início do Século XX

A situação religiosa e os conflitos na Europa no início do Século XX, tal como os historiadores os descrevem, tiveram influência sobre a personalidade e pensamento dramático do romancista católico francês Georges Bernanos (1888-1948), que nasceu em Paris, mas passou a infância e adolescência no norte da França, na região de Artois, comuna de Fressin, em Pas-de-Calais. Entre suas principais influências destacam-se o filósofo Charles Péguy e o ensaísta Léon Bloy, que marcaram profundamente a formação de seu pensamento cristão.

Brighenti (2007) descreve um período em que religião e nacionalismo se confundem, notadamente na França, onde a Igreja torna-se principal símbolo da resistência conservadora, mas também palco de movimento modernista do “catolicismo social”.

A industrialização nascente na Inglaterra no final do século XVIII, implantada na França no início do século XIX e, logo a seguir, na Alemanha, suscitou por parte da Igreja um novo posicionamento diante do fenômeno do empobrecimento crescente da nova classe operária. Na França, durante o período de restauração, com a desorganização e o confisco dos bens do clero, surge uma ação social católica, que ultrapassa a caridade individual largamente praticada até então, numa espécie de caridade organizada. A Ação Católica surgiu na esteira do Sindicalismo Católico e da Democracia Cristã que, por sua vez, remontam à segunda fase do Catolicismo Social, inaugurada pela Encíclica *Rerum Novarum*, (das coisas novas) promulgada pelo Papa Leão XIII, em 1891. A preocupação de Leão XIII é que os católicos entrem dentro das aspirações do século, a fim de penetrar de um espírito cristão todas as formas da civilização moderna (BRIGHENTI, 2007, p. 2-3).

Na França de Georges Bernanos, a política anticlerical dos governos, a legislação do Estado laico, as medidas de exceção tomadas contra a Igreja e suas instituições e o distanciamento dos fiéis de suas práticas religiosas, além do inicial endosso modernista no episcopado francês, propiciaram posições públicas e manifestações extremadas, “naquilo que o próprio Pio X chamou de encruzilhada de todas as heresias” (CORÇÃO, 1973, p.163).

Bernanos foi certamente uma das vozes públicas mais estridentes do conservadorismo francês, no entanto, sem alinhamento incondicional a qualquer posição política de seu tempo, mesmo quando manifestava maior

afinidade ideológica, em nome do exercício de sua liberdade de pensamento e expressão.

Nesse período, conforme registra Corção (1973), um movimento de renovação do catolicismo também repercutiu no Brasil, apesar da influência preponderante do pensamento conservador. Na França, o movimento *Le Sillon*², originário da esquerda católica, se propunha desempenhar atividades assistenciais direcionadas à população pobre, numa perspectiva de democratização da evangelização. O *Le Sillon*, inicialmente foi apoiado pelo clero francês, mas por breve período. Em 1910, esse “catolicismo social” foi condenado pelo Vaticano, com a intervenção direta do Papa Pio X (CORÇÃO, 1973).

Outro movimento muito mais conhecido que o *Le Sillon* foi o da *Action Française*³, de extrema direita, liderada por Charles Maurras (1868-1952)⁴, cujo conteúdo doutrinal pregava a doutrina da restauração monarquista e preconizava o nacionalismo integral. Na dogmática de Maurras, o catolicismo, que ele via em oposição ao cristianismo (protestantismo), era de origem latina, constituindo-se necessariamente em pilar da ordem tanto da sociedade quanto dos espíritos.

A “política de restauração” de Maurras cativou uma geração de intelectuais católicos franceses – dentre eles o filósofo Jacques Maritain (1882-1972), que exerceu forte influência na intelectualidade católica brasileira nos anos 1920-1950 – que não se identificavam com o progressismo da esquerda, no pós 1ª Guerra, incluindo Bernanos, que se manteve fiel a Maurras até 1932.

² *Le Sillon* foi um movimento político e ideológico de esquerda anticlerical, fundado por Marc Sangnier (1873-1950). Tinha como principal objetivo integrar o catolicismo ao sistema republicano francês, possibilitando às massas de trabalhadores não somente a evangelização, mas também a elevação social e temporal. Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/579>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

³ A *Action Française* destacou-se como movimento contra-revolucionário monarquista e orleanista francês, fundado em 1898 por Maurice Pujo e Henri Vaugeois, e cujo principal ideólogo foi Charles Maurras. Originalmente uma organização nacionalista que atraiu figuras como Maurice Barrès, tornou-se monarquista sob a influência de Charles Maurras, que seguia os passos do teórico contrarrevolucionário Joseph de Maistre. Até sua dissolução ao fim da Segunda Guerra Mundial, a *Action Française* foi uma defensora de destaque do integralismo de inspiração tradicionalista. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Action_Fran%C3%A7aise>. Acesso em: 17 jun. 2013.

⁴ Charles Maurras foi um poeta monarquista francês, jornalista, dirigente e principal fundador do jornal nacionalista, anti-semita e germanófilo *Action Française* e teórico do nacionalismo integral. Foi uma das figuras principais do movimento anti-Dreyfusard. Disponível em: <<http://permanencia.org.br/drupal/node/579>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

A Ação Francesa oferecia aos jovens em busca de ordem intelectual e moral uma perspectiva de ação de que não há outro exemplo, na França, a não ser sua antípoda, a organização comunista. Além disso, ela exercia, nas alas católicas, o que Jacques Maritain chama de um ‘principado de opinião’, que se estendeu às alas dos eclesiásticos, satisfeitos de encontrarem na Ação Francesa um braço secular contra os leigos, os franco-marçons e todos os inimigos da Igreja (WINOCK, 2000, p. 239).

Na Europa, nas primeiras décadas do Século XX, especialmente na França, a beligerância ideológica estava latente, prevalecendo um hiato entre os ideais de restauração do antigo sistema hierárquico, monárquico-tradicional e a época moderna, então alicerçada no “pensamento positivo” conservador, por um lado, e na luta revolucionária, igualitária, por outro. O panorama francês era complexo. Para Winock (2000), o problema da adesão às teses da *Action Française* se situava no fato de seu catolicismo ser “estritamente político”, o que tendia a desviar a fé cristã em razão de uma militância ateísta, a da Pátria.

Ao analisar o Caso Dreyfus, Arendt (1998) observa que havia uma simultaneidade entre o declínio do Estado-nação e o afloramento do anti-semitismo moderno – na França havia um movimento liderado por outra figura importante na formação de Bernanos: Edouard Drumont (1844-1917). Prevalcia a ideia de que existiria um complô entre os franceses – considerados traidores – e os judeus, por sua vez, corresponsáveis pelo trabalho de destruição da França. Como Edouard Drumont, Maurras – até 1927 seguido por Maritain – era uma das potentes vozes que também alimentava esse debate antissemita na França.

A Igreja Católica, portanto, devia sua popularidade ao ceticismo disseminado entre o povo, que via na república e na democracia a falta de ordem, segurança e consciência política. Para muitos, o sistema hierárquico da Igreja parecia a única forma de evitar o caos. Era isso, realmente, e não qualquer revivescência religiosa, que fazia com que o clero fosse olhado com respeito. Na verdade, os mais firmes partidários da Igreja nesse período eram os expoentes daquele catolicismo chamado ‘cerebral’, ou os ‘católicos sem fé’, que iriam daí por diante dominar todo o movimento monarquista e nacionalista extremo. Sem crerem em sua base extraterrena, esses católicos clamavam por maior poder para todas as instituições autoritárias. Essa é, de fato, a atitude primeiro assumida por Drumont e mais tarde endossada por Maurras (ARENDR, 1998, p. 124).

Além de Arendt, historiadores apontam que, para o “católico sem fé” Charles Maurras, ser patriota francês equivaleria, obrigatoriamente, ser

monarquista. Em 1908, o jornal *L'Action Française* contava com intensa participação de Bernanos, exercendo grande influência no meio católico conservador e, especialmente, na juventude. No entanto, desde o início de sua participação no debate público, o polêmico escritor manifestara suas desconfianças com o “catolicismo cerebral”, preocupado que estava em assumir “o caráter de renovação religiosa” (ARENDT, 1998, p.124).

Silva (1998) descreve que em 1926 o Papa Pio XI ratifica a tomada de posição do arcebispo de Bordeaux, que havia publicado uma declaração condenando as posições doutrinárias da *Action Française*, ao acusar seu diretor Maurras, de paganismo. A reprovação formal da *Action Française*, pelo Papado, como consequência, provocou na sequência o rompimento de Maritain com o movimento, em 1927, ao mesmo tempo em que “transtornou” Bernanos, conforme pode se ler:

Embora já se tivesse afastado do movimento em 1891, julgou ser uma questão de honra defender Charles Maurras e o movimento ao qual estava ligado desde a juventude, quando, Camelot du Roi,⁵ se batia nas ruas do Quartier Latin. Os Camelot du Roi, vendiam jornais e promoviam tumultos no Quartier Latin e na Sorbonne. Elementos de diferentes classes sociais faziam parte de suas fileiras. Uma das últimas manifestações do grupo, registradas pela imprensa, em 6 de fevereiro de 1934, quando Sartre denuncia em *Le Mur* o fanatismo e a intransigência dessa associação (SILVA, 1998, p. 203).

Bernanos, dividido entre o dever do católico de submeter-se a Roma e o senso pessoal de honra, opta, de acordo com Silva (1998), dentro dos limites compatíveis com a obediência, pela solidariedade à pessoa de Charles Maurras, ao contrário da rápida decisão de afastamento de Maritain. Essa escolha contraditória apresentaria analogia com “o dever de fidelidade feudal que ligava pessoalmente o vassalo ao suzerano”. Bernanos acreditava que, uma vez empenhada a palavra, um homem – ou um povo – “deve se manter o que foi cometido”⁶(BERNANOS, 1995, p. 969).

Para Silva, a contradição reside no fato de que, desde o final da 1ª Guerra, Bernanos discordava da nova orientação política da *Action Française*, julgando-a infiel a seus ideais primeiros, passiva demais e jogando o jogo do

⁵ *Les Camelots du roi* eram um grupo de monarquistas de extrema direita, filiados à *L'Action Française*, reputados pela violência de seus métodos de ação. (SILVA, 1998).

⁶ doit la tenir, quel que soit celui auquel il l'a engagé.

poder. A essa discordância acresce-se o fato de que, desde sua juventude, Bernanos admirava Maurras. Nada, entretanto, o impediu de lançar-se numa defesa desesperada daquele que considerava um verdadeiro mártir, defensor da integridade da pátria e, sobretudo da Igreja Católica, na França.

A exemplo de Maritain, Bernanos focava o problema de um ponto de vista exclusivamente religioso, o que não era exatamente a ótica de Maurras, ateu notório, embora defensor da Igreja, por patriotismo. A primazia deveria ser ao espiritual, vista que, na ótica do pensamento conservador católico, existia uma ameaça à sociedade, necessitada de restauração.

De acordo com historiadores como Garcia (2008) e intelectuais da época, como Hargreaves (1968), o julgamento da *Action Française*, pela Santa Sé, representou uma etapa decisiva na vida de Bernanos. Garcia (2008) argumenta que essa condenação papal foi crucial para o acirramento da crise em Bernanos e, sobretudo, da célebre ruptura em 1932 com Maurras; início de uma série e também as inúmeras partidas sem voltas que balizaram a existência do escritor errante.

O cenário político da França nas primeiras décadas de Século XX parecia justificar o autoexílio do escritor. Antes de sua viagem a América do Sul, Bernanos se estabelecera com a família em 1934 na Ilha de Maiorca, inicialmente simpático à política ditatorial do general Francisco Franco. No entanto, ao testemunhar em 1936 os horrores da Guerra Civil Espanhola, se afasta ainda mais da extrema direita europeia. Naquela ocasião criticara lideranças católicas e o comprometimento da hierarquia eclesiástica com o totalitarismo. Escritor já consagrado na França graças principalmente aos romances *Sous le soleil de Satan* (1926) e *Journal d'un curé de campagne* (1936), em Palma de Maiorca escreve *Les grands cimetières sous la lune*, publicado no regresso a França em 1938, onde ficará mais um ano. Esse ensaio panfletário enfatiza a luta de uma individualidade com o mundo exterior, onde enfaticamente toma partido dos republicanos espanhóis.

Bernanos rechaça a utilização estratégica da mentira para fins revolucionários,

especialmente quando a mentira envolve valores espirituais do cristianismo. Mentira em que está imerso uma "oportunista Igreja" que as equipas, de acordo com o escritor, com as posições que têm uma

maior chance de prevalecer. Diante dessa postura, Bernanos, como cristão, prefere tendenciosa testemunha, apesar de sua alegação de que um verdadeiro cristão não mente. (GARCÍA, 2008, p. 38).⁷

Mentira e mediocridade, na concepção do autor, constituem-se na mais perfeita representação do mal, que tomam corpo na civilização moderna e vão se estabelecendo numa humanidade carente de toda noção de espiritualidade. E as ideologias políticas reforçam essa perversa tendência, que Bernanos entende como sendo a mentira e a mediocridade. A sua recusa total tanto da “heresia marxista” quanto do “reino do mal” fascista e nazista é seguida por uma aproximação crítica do liberalismo, por essa ideologia também acompanhar a mesma herança racionalista e utilitária.

Apesar da distância, Bernanos será no seu exílio brasileiro um grande inspirador da Resistência e um dos porta-vozes da França “livre” contra o governo colaboracionista de Vichy, do Marechal Pétain, complacente com a ocupação nazista. Não se autoexilou na América do Sul em fuga da guerra, mas em permanente combate, com as armas que dispunha: a escrita. Do Brasil, em inúmeras cartas e panfletos, Bernanos registra a vergonha que sentia da situação do seu país, imerso em lutas internas entre grupos opostos e ideologias radicais, como lutas e intrigas políticas cuja principal motivação era a conquista e manutenção do poder. Um país que, na avaliação do escritor, havia perdido o rumo histórico, cuja honra e humilhação encaminhava-se a um plano internacional.

Sobre esse período, Hargreaves (1968) anota o seguinte testemunho: “Com a alma dilacerada pelo Pacto de Munique, esse campônio simples e honrado, acessível e genial, pobre e incorruptível, veio para o Brasil, vai para aqui, ‘cuver sa honte’, amargar, curtir sua vergonha” (HARGREAVES, 1968, p. 43).

Os intelectuais, como Hargreaves, que inicialmente acolheram Bernanos no Brasil, dão ênfase a um sujeito dominado pelo travo da amargura, inconformado, desesperançado e atormentado, que se exilou para fugir deste mundo e abrigar-se dentro de si mesmo – um exílio doloroso. “Eu deixei meu

⁷ Sobre todo quando esta mentira implica a los valores espirituales de la cristiandad. Mentira en la que se halla inmersa una ‘Iglesia oportunista’ que se alía, según el escritor, con aquellas posturas que tienen más visos de imponerse. Frente a esta postura, Bernanos, como cristiano, prefere dar testimonio sesgado, a pesar de su afirmación de que un verdadero cristiano no miente

país, porque a verdade lá se tornou estéril, porque a liberdade de expressão lá estava imediatamente sufocada.” (BERNANOS, 1995, p. 293).

Para Machado (2005, p.248), o grande motivo que levou Bernanos a mudar-se para a América do Sul não foi apenas por conta de dificuldades financeiras, sendo isso apenas parte da verdade. Existiam os motivos de ordem espiritual: “o desalento diante a invasão de valores e da corrupção do mundo moderno a busca desesperada de uma terra de paz, longe do clima de ódio que infestava a velha Europa, II Guerra Mundial”.

2.2 Exílio voluntário e a eclosão da 2ª Guerra Mundial: descrença nos rumos da humanidade e encontro com a intelectualidade no Brasil

“Não! não é por pessimismo e desespero que eu recuso o mundo moderno; eu o recuso com todas as forças da minha Esperança”, são palavras de Bernanos que chamam a atenção (CORÇÃO, 1973, p. 161). Essa frase ilustra o seu pessimismo quanto ao futuro da Europa, particularmente da nação francesa. Decepcionado com o rumo da política, sobretudo com os acordos de Munique (assinados entre Hitler e os governos da França e da Grã-Bretanha), e prevendo o pesadelo bélico que se iniciaria no continente, Bernanos decidiu pôr em prática um velho sonho: vivenciar na América do Sul uma nova França tropical, uma utopia pacífica e distante da conflagração europeia.

O temor de Bernanos sobre a humilhante situação de seu país se confirma ante a fulminante derrota da França em um período de seis semanas: o segundo império mundial, uma das principais potências europeias, dotada de um dos maiores Exércitos do mundo, sucumbiu em uma derrota militar total, deixando os seus cidadãos, herdeiros de uma larga e gloriosa história, desgovernados e completamente desmoralizados. Derrota rápida, fulminante e sem precedentes: ante ao avanço alemão, o Exército esperava ordens que não chegaram, de um governo mais preocupado em fugir que de fazer frente no campo de batalha. Diante de tal situação, soldados franceses vacilam na luta e se rendem ao inimigo, ao contrário do que acontecera durante a 1ª Guerra, quando a França reagiu ao pangermanismo e venceu a batalha.

Como se sabe, o encadeamento dos conflitos bélicos, pós-1ª Grande Guerra, dilacerou de forma estrutural a comunidade dos países europeus, “como nenhuma outra guerra havia feito antes [...]. Cada evento era definitivo como um julgamento final, um julgamento que não era passado nem por Deus nem pelo Diabo, mas que parecia a expressão de alguma fatalidade irremediavelmente absurda” (ARENDT, 1998, p. 300).

Assim, diante dessa afirmação, é possível considerar que as graves consequências de instabilidade europeia haviam destruído a fachada do sistema político em vigor até então, especialmente na França de Bernanos. Arendt (1998, p. 300) registra que “ficou visível o sofrimento de um número cada vez maior de grupos de pessoas às quais, subitamente, já não se aplicavam as regras do mundo que as rodeava”.

Bernanos viveu no Brasil entre 1938 e 1945, no período da ocupação nazista na França, de onde se refugiou no ápice da 2ª Guerra Mundial, indignado com a catástrofe totalitária gerada na Europa sob a anuência de setores eclesiásticos. Ao chegar ao Brasil da Era Getúlio Vargas, o monarquista convicto já era reconhecido pela crítica internacional e pela intelectualidade brasileira, até então fortemente influenciada pela cultura francófona. Jorge de Lima já havia traduzido *Sous le soleil de Satan* e, Edgar da Mata-Machado, *Journal d'un curé de campagne*.

O fervoroso pensador católico francês, arrebatado, era famoso também no Brasil por sua personalidade e convicções livres. Um precursor do cristianismo renovado pelo caminho de retomada da tradição, do vitalismo cristão. Ele considerava seus livros como um testemunho de um homem livre, o que para ele seria o exercício da verdade de a um escritor católico: “[...] Um homem que é responsável pelo que escreve, não só em relação aos católicos, mas antes de lê-lo primeiro, você deve toda a verdade que está disponível” (BERNANOS, 1939, p. 1189).

Antes de se instalar por sete anos no país, desembarcou pela primeira vez no Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1938, no Dia de São Domingos, para seguir ao Paraguai, em busca do “paraíso tropical”, no santuário de Nossa Senhora de Caacupé. Retorna ao Rio de Janeiro em 1º de setembro daquele mesmo ano, após rápida passagem pela Argentina. Trouxe consigo sua esposa (descendente em linha direta da heroína Joana d’Arc), além de seus filhos

Chantal, Claude, Michel, Dominique e Jean Loup, incluindo seu amigo médico Jean-Bénier e esposa e de seu sobrinho e secretário Guy Hattu. O filho mais velho, Yves, ficara mais algum tempo no Paraguai, juntando à família meses depois no Norte de Minas Gerais.

Silva (1998) afirma que o Paraguai se revelou uma decepção para Bernanos. Dificuldades de visto de permanência, vida cara, acolhida fria, conflito do Chaco entre Paraguai e Bolívia trazem a família de volta ao Brasil, acolhida com entusiasmo por uma elite francófona. Um grupo de intelectuais e políticos – Virgílio de Mello Franco, Raul Fernandes, Oswaldo Aranha, Joaquim de Salles – o recebe e desdobra-se para facilitar sua estada no Brasil e tornar o seu exílio voluntário mais suportável. Alceu Amoroso Lima, principal admirador de Maritain no Brasil que se impressionara desde 1925 com os escritos de Bernanos, o descreve em 1948 como “o herói da ‘Resistência’ no Brasil”.

Compreendo que esse homem veio ao mundo marcado por uma missão muito dura e muito áspera, muito difícil, a de ser o testemunho da Luz, incompreendido, apedrejado, amaldiçoado acima de tudo por aqueles que deviam nele venerar alguma coisa que não lhe vinha do gênio literário, da bravura pessoal, da magia do estilo, de não sei que forças humanas, mas acima de tudo de uma graça pessoal, que não era deste mundo, e cujo segredo jamais poderemos desvendar (AMOROSO LIMA, 1968, p. 23).

Após breve estadia no Rio de Janeiro, o recém-chegado, aconselhado pelo político mineiro Virgílio de Mello Franco, na ocasião presidente da Companhia Indústria e Viação de Pirapora, com sede no Rio de Janeiro, foi viver com a família no Norte de Minas Gerais, na cidade ribeirinha de Pirapora, ponto terminal da Estrada de Ferro Central do Brasil e inicial da navegação do Rio São Francisco – “*le sertão sans bornes a mille kilomètres de Rio*”, como ele próprio afirmara na ocasião. Mello Franco (1968, p. 81), ao sugerir “a cidadezinha sertaneja”, lhe avisara que se tratava de um lugar “onde a vida era e é rude e agreste, mas onde as terras, por isso mesmo, são mais baratas”. No entanto, desde sua chegada ao Brasil, o famoso escritor deixara claro que não pretendia morar em metrópoles.

O Brasil significava, para Bernanos, o mesmo que a França do antigo regime, antes da revolução, ou seja, um país que, no final do Século XVIII, procurava encontrar seu destino e sua vocação. Posso afirmar com segurança que os melhores amigos de Bernanos foram

brasileiros, sobretudo Virgílio Mello Franco, Raul Fernandes e Alceu Amoroso Lima (BOURRIER, 1987, p. 7).

Para Amoroso Lima, Bernanos “era um cruzado, um feudal, um guerreiro, um herói, que não suportava o mundo pragmático, racionalizado, mecanizado dos nossos tempos”. Nesse sentido, a vinda do “tipo privilegiado” para a América do Sul simbolizou não somente a desilusão com as guerras, mas acima de tudo com a ideia de revitalização moral.

Pois acredito que Bernanos preferia a luta contra o Anjo das Trevas, que foi a sua luta, à luta mesquinha contra os falsos anjinhos de procissão, os bonzinhos, os pseudo ‘mansos e humildes’, os que baixam os olhos, os que põem a mão na boca escandalizados, os que dizem oh! E viram as caras amarelas e enfesadas, os mornos, os neutros, os obedientezinhos ou mesmo os puritanos, os integristas, os totalitários e colaboracionistas de todo calibre, contra os quais Bernanos brandiu a sua lança e não cessou jamais o seu bom combate de autêntico herói da renovação da cristandade (AMOROSO LIMA, 1968, p. 26).

Na “mitologia bernanosiana”, Amoroso Lima vê o princípio da religião em um cristão impetuoso que pretende, no limite, encontrar o sentido original do universal: de espada em punho, intolerante, *rebelaisiano* na sua violência. Isso porque Amoroso Lima entende que essa descoberta constitui para Bernanos um retorno às origens, considerando que a singular relação do sertanejo com sua terra é a mesma daqueles antigos camponeses da França feudal.

De fato, em *Nós outros os franceses* (1939), o autor, em sua consciência de autoexilado, medita sua relação com a terra e com a morte. Recém-chegado ao Brasil, descobre, portanto, o sentimento de pertencer a outro lugar, de ser originário de um velho país como a França. Nessa reflexão sobre suas lembranças de infância em Pas-de-Calais e o encontro com a cultura do sertão mineiro, Bernanos tenta descobrir sua própria verdade, consolando-se numa terra estrangeira (SARRAZIN, 1968).

2.2.1 A busca do “paraíso perdido” no sertão norte-mineiro: presença em Pirapora

Apesar da precariedade de comunicação, foi no sertão norte-mineiro – em 1938, Pirapora possuía um único posto telegráfico – que Bernanos tomou

conhecimento da “declaração de guerra” na Europa e acompanhou pelo rádio, conforme suas possibilidades, notícias das invasões alemãs. Lamentou o drama europeu e, de forma panfletária, procurou interferir, mesmo à distância, no desastre civilizatório mundial. Em Pirapora redigiu textos densos e violentos, onde mostra que o mal se propaga de forma sutil e imperceptível, sendo o pecado uma paixão pela aniquilação de si mesmo, ainda que se disfarce de desejos e esperanças.

Na chegada a Pirapora, a família francesa encontra o apoio imediato do jornalista Geraldo Ribas⁸, que ajuda o escritor nômade na busca de moradia e fazenda na região. Muito anos depois Ribas relembra num jornal local: “A chegada da ‘trupe’ causou verdadeiro reboiço na cidade [...]. Não falavam o português, embora entendessem perfeitamente o nosso idioma. Assim começou o meu agradável convívio de mais de um ano com o maior escritor católico deste século” (RIBAS, 1967, p. 4).

Bernanos transitava com dificuldade⁹, utilizando duas bengalas. Articulava ideias quase sempre trabalhando em ambientes públicos, observando pessoas do lugar, dirigindo-se regularmente às missas dominicais na Igreja de São Sebastião (RIBAS, 1967), devoto de São Domingos. Além de Ribas, seus principais interlocutores nessa cidade portuária do interior eram o cirurgião dentista Edmundo Boa Ventura Leite, três religiosos dominicanos da paróquia, fluentes em francês, e alguns funcionários graduados da Companhia Indústria e Viação.

Um aspecto que caracteriza muito bem Pirapora é o movimento constante de passagem de emigrantes, em geral nortistas, conhecidos pelo nome de 'baianos'. A hora em que chega o trem, já de noite, grande magotes deles atravessam a zona residencial e vão para as hospedarias carregando as suas trouxas, malas e bagagens. No dia seguinte, pela manhã, os 'baianos' abarrotam os escritórios das empresas de navegação, à procura de lugar nos vapores. À tarde reúnem-se, uns sentados, outros em pé, à porta das hospedarias

⁸ Por ter recepcionado e convivido com Georges Bernanos em Pirapora-MG, o jornalista Geraldo Ribas foi procurado pelo teólogo suíço Albert Béguin, ex-diretor em Paris da famosa revista católica *Esprit*, durante viagem a Belo Horizonte, quando recebeu a incumbência de preservar e divulgar a memória de Bernanos. Ribas registra que “Béguin, amigo íntimo de Bernanos, numa de suas conferências em Belo Horizonte, confrontando Bloy, Claudel, Péguy e Bernanos, afirmou que esses autores surgiram em França num momento em que não se esperava nem uma nova literatura cristã, nem um cristianismo como o deles. Vivia-se ainda o momento anatoliano, a era burguesa, moralista não mística.” (RIBAS, 1967, p. 4).

⁹ Mutilado fisicamente, por causa de um acidente em Montbéliard, no leste francês, Bernanos locomovia-se amparado por duas muletas, conforme mostram fotografias e relatos.

para conversar. Recolhem-se cedo. Têm uma preocupação constante: partir. É uma gente pobre, maltrapilha, mas de boa índole, ordeira por excelência. Atualmente, é também comum o movimento de tropas que demandam o norte através do São Francisco. A cidade fica periodicamente cheia de soldados" (VALVERDE, 1944, p. 516).

O sertão da região de Pirapora serviu de moldura fantástica para a literatura e denúncias dos males provocados pela guerra numa França que se desmoronava. De alguma forma, o cerrado foi um alento ante as notícias trágicas vindas da Europa. Um cronista de Pirapora-MG, em suas reminiscências, cuja família conviveu com Bernanos durante sua passagem pela região, publicou no jornal local *Corrente*, em 05-08-1988:

O ambiente de Pirapora, sua vegetação do cerrado, a ponte de ferro que ele (Bernanos) atravessava a cavalo transitando para a Fazenda Paulo Geraldo – tudo isto deixou sua marca no trabalho do escritor [...]. Em Pirapora, quando não em casa, sua mesa de trabalho era o Bar e Sorveteria Califórnia (atual Restaurante Califórnia). Ali ele articulava suas ideias, escrevia, ouvia pelo rádio as péssimas notícias da guerra. Na cidade trabalhava, ia à missa, convivia com poucas pessoas [...]. Buscava entre nós um pouco de alento para suportar as notícias do conflito. Queria um refúgio, como ele dizia: "*un petit coin, qui soit mon foyer, pour y cuver ma honte*". Os fatos na Europa se sucediam: a expansão do nazismo, as traições, a queda da França. Ele participava de tudo. Seus textos, naquela hora, eram um incentivo vibrante aos franceses para que continuassem resistindo (MOTA, 1988, p. 3).

Os manifestos de Bernanos, enviados de Pirapora, eram publicados em jornais de grande circulação na Europa, transmitidos pela Rádio Brazzaville, pela BBC de Londres, direcionados aos militantes da Resistência Francesa, que lutavam nos subterrâneos de Paris. Além de panfletos e artigos, no sertão mineiro Bernanos escreveu três livros, entre eles *Les Enfants Humiliés* e concluiu *Monsieur Ouine*, cuja obra retrata "o desespero que domina, como num imenso campo de concentração, a alma dos que vivem na sociedade normal" (ROMANO, 2002).

O objetivo de Bernanos no Brasil era estabelecer uma fazenda familiar dedicada ao cultivo e a criação de gado, onde levaria a cabo uma existência patriarcal entre sua família, dirigindo os trabalhos agrícolas e pecuários, ocupação que desenvolveria com sua vocação literária, apesar de seu conhecido sarcasmo com a atividade profissional de escritor.

A escolha de Pirapora foi quase casual, que se revelou a Bernanos um desafio à sua força e capacidade de resistência. Mota (1988) registra que ao chegar à pequena cidade o escritor hospedou-se no Hotel Continental, à praça Melo Viana nº 20, e depois morou numa casa a rua Major Santiago, nº 148. Em julho de 1939, o romancista francês tenta comprar uma fazenda e alguns animais. Logo depara com um inconveniente: os preços das fazendas são mais altos do que poderia pagar. Mas, o escritor recusa-se a voltar ao Rio de Janeiro, “de cabeça baixa”. Desse modo, elabora novos planos e, como sempre, rumo ao horizonte e ao sonho:

Vou trazer as crianças (são seis), os baús, os cavalos, fico no hotel e começaremos de novo a procurar um sítio. Parece que a uma centena de quilômetros as fazendas não são tão caras. Não são cem quilômetros a mais ou a menos que me vai por medo (GOSSELIN, 2006, p. 311).

Depois de muita procura, decidiu arrendar uma fazenda no município de Buritizeiro, a 25 quilômetros da cidade de Pirapora, o que lhe permite dizer mais uma vez com humor que adquirira o direito de ser “vaqueiro” e não mais um escritor.

Mas, antes disso, ele tem ainda que esperar que a “casa-fazenda-estábulo” (*sic*) fique pronta. Trabalha, então, na casa alugada com pouca vista, sem móveis e água e que durante o dia o sol era causticante. Em cartas escritas aos amigos franceses, falava frequentemente de um pequeno pátio onde se instala para escrever sob “uma árvore única vazada como uma escumadeira, a boina sobre a cabeça” (GOSSELIN, 2006, p. 311).

Quando a fazenda Santo Antônio ficou pronta, logo arrumada pela madame Bernanos, ele expressa com entusiasmo pela primeira vez a Virgílio Mello Franco: “desde que cheguei no Brasil é a primeira vez que durmo num verdadeiro quarto”. A fazenda Santo Antônio tinha um verdadeiro rebanho: 280 vacas, bois, cordeiros e touros, oito cavalos e cinco mil hectares de mata. (GOSSELIN, 2006, p. 311).

Ainda em Pirapora, tendo que se adaptar a vida no cerrado, Bernanos mais uma vez se dá conta das dificuldades da empreitada, quando percebe o quanto seus filhos penam para explorar a fazenda, como cita Gosselin (2006, p. 312): “As plantações a serem vistoriadas estão dispersas por um terreno de

cinco mil hectares – clareiras em meio à eterna floresta – e há ainda essas santas vacas que fazem bezerros por toda parte – e que ainda se escondem para dar cria, o que complica tudo ainda mais”.

Percebe-se com clareza nestas rápidas evocações que, a despeito de sua alegria, tudo ali lhe parece desproporcional: as vacas são espécies de “zebus” que têm “uma bossa danada nas costas, galopam com cavalos e saltam cerca de um metro e meio”. E pouco a pouco esse sentimento de desproporção se alastra até mesmo aos acontecimentos históricos. Enfim, ele parece desanimado com tudo que lhe acontece, mas aos poucos ele acostuma-se a esse modo de ser exótico: que se traduz por um “tumulto perpétuo, já que logo cedo a casa se enche de colonos, vaqueiros, gente do povo, vindo pechinchar duas galinhas e, também, negrinhos de barriga grande que nascem aqui por toda parte”. Menciona, enfim, seu novo regime alimentar, ao qual se acostumou também: “ainda estou me acostumando com o arroz que substitui o pão, com a carne seca, com o eterno mugido das vacas, com o sol e a chuva”, confessa Bernanos (GOSSELIN, 2006, p. 312).

Percebe-se, na leitura de suas cartas que, inicialmente, o sertão nordestino o deixa desapontado: “a primeira vista, dá vontade de tomar o trem de volta e de ir logo embora”, confessa ele. Mas com o passar dos dias ele revela um sentimento quase resignado: “Depois a gente se acostuma e acaba até gostando daqui.” (GOSSELIN, 2006)¹⁰.

A partir de dezembro de 1939, o tom se modifica um pouco, como se pode perceber: “sinto-me muito distante do Rio, agora, que, aliás, é uma cidade bonita demais para mim, nesse momento muito feliz” (GOSSELIN, 2006, p. 312). Isso quer dizer na verdade que ele se entrosa mais com o Brasil do interior. E retomando com outro correspondente a rápida descrição da casa de madeira, cujos caminhos não eram acessíveis, exprime pela primeira vez sua atração pelo sertão e “por esse caro velho lugar tão pouco aprazível” (GOSSELIN, 2006, p. 312), em relação ao qual diz sentir agora “uma amizade que se conquista apenas com o tempo, mas que é simples e fiel”.

No final de dezembro de 1939, ele descobre suas afinidades com “essa terra e seus lavradores”. “Gosto deste país que sempre tem fome e sede, e

¹⁰ Bernanos e o Brasil - USP. Disponível em: <www.revistas.usp.br/ls/article/download/23593/25629>. Acesso em: ago. 2013.

Deus fez questão de dizer que nós seremos saciados” (GOSSELIN, 2006, p. 312). No entanto, Bernanos logo irá se defrontar com as estações, com a violência da natureza tropical, desmedida, imprevisível, “em março quando os riosinhos se tornam afluentes, as chuvas são torrenciais, mas a terra seca em uma hora. As dificuldades materiais se multiplicam. As dúvidas brotam: eu me pergunto se vou prosseguir com esta experiência ou não” (GOSSELIN, 2006, p. 312).

Disposto a se mudar de Pirapora, mas interessado em continuar no interior mineiro, Bernanos procura um industrial francês instalado no Brasil, da CM Tresca, e pede-lhe para procurar “um canto de terra com clima melhor, onde não acabem morrendo uns após outros”. Pensa em encerrar sua atividade pecuária e afirma que consentiria morar mesmo longe das cidades, em pleno campo. O seu sobrinho Guy Hattu e o amigo Jean-Bénier retornam a França.

2.2.2 A resistência do “Cruzado” em Cruz das Almas e a luta pela cristandade

O exílio voluntário do escritor francês no Brasil prosseguiu em Barbacena-MG, na Serra da Mantiqueira, de 1940 a 1945, numa fazenda então sugestivamente chamada de *Cruz das Almas*¹¹, intercalando com rápidas viagens a Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Em 1940, publica em *O Jornal*, nos Diários Associados, do Rio de Janeiro:

É preciso compreender! É indispensável compreender! A nova Alemanha não tem poder senão sobre as massas exaltadas pelo ódio ou aterradas pela ameaça. Para escapar a sua influência basta sair do rebanho. Pretendem fazer-nos crer que tudo é agora possível. Sim, tudo é possível, menos submeter pela força um espírito que queira viver livre. Quando a verdade não possui mais soldados, conclama os mártires (BERNANOS, 1940, p. 3).

Na fase de Barbacena – sua passagem mais conhecida no país – manteve intensos contatos com a intelectualidade brasileira. A exemplo de

¹¹ A antiga fazenda em Barbacena-MG está localizada no bairro Vilela, à rua Coronel Cipriano Rodrigues Miranda, s/n, onde desde 1968 funciona o Museu “Georges Bernanos”, mantido pela Administração Municipal. Esse museu reúne o principal acervo de Bernanos no Brasil, de cartas, objetos pessoais, coleções próprias do escritor a livros editados no exterior, doados pelo governo francês.

Pirapora, esse período em Barbacena também foi muito fecundo vocacionalmente – época em que sua crítica e militância católica adquirem mais visibilidade no meio intelectual brasileiro – certamente por estar nessa ocasião mais próximo dos grandes centros urbanos e também por publicar com regularidade nos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, seus comentários sobre a guerra na Europa.

Parece-me impróprio dar a esse delírio de orgulho ou da impotência o nome sagrado do amor. Provarei que esse equívoco cruel foi a origem do desastre do meu país. Erra pelo mundo afora muita gente que o se diz cristã e que, no entanto, ama menos a Deus do que teme o inferno. Pois a burguesia francesa amava infinitamente menos a França do que temia a revolução. *Se a França não pode ser nossa que seja de Hitler! Se a França não pode ser nossa que acabe então! Sem nós a França não é mais França!* Amar é o único meio seguro de conhecer. Os patriotas brasileiros que também amam o meu país, sentem todas as hesitações e escrúpulos do verdadeiro amor (BERNANOS, 1940, p. 3).

Em Barbacena, Bernanos, por fim, compra o que chama de “uma casa de verdade”, uma bela propriedade e bem mais cara do que de fato podia pagar: seus amigos brasileiros pagaram a diferença do preço sem que ele soubesse. Em Pirapora, a negociação da Fazenda São Francisco foi difícil e acabou sendo feita de maneira “aceitável”. Instalou-se fora da cidade, enfim, na propriedade de *Cruz das Almas*, um nome tão bernanosiano que se poderia pensar ter sido criado por ele mesmo.

Como acontecera em Pirapora, em Barbacena Bernanos mais uma vez registra sua condição de “camponês francês”, por meio dessa relação e estranheza para com a terra brasileira. Esse país sem estrada e sem limites se opõe ao ódio, ao caminho oco e à água escura que ele carrega consigo desde a infância. A estada de Bernanos, em Minas Gerais, constitui uma via inaugural por meio da qual ele descobre sua própria verdade, sua própria identidade e a terra francesa com a qual se confunde.

Ao mesmo tempo, a presença em Barbacena, que possibilitava viagens com mais frequência ao Rio de Janeiro, a 273 km, também permitiu um maior contato pessoal de alguns intelectuais com a figura controvertida de Bernanos. A maioria dos testemunhos o descreve como sendo um “homem complicado, muito difícil...” (LINS, 1968, p. 99) e também “... era uma figura complicadíssima, dominada pelo travo da amargura” (AMOROSO LIMA, 1968,

p. 105). Entre eles, no entanto, cabe a Alceu Amoroso Lima um relato mais instigante:

Nosso primeiro encontro foi tempestuoso. Tempestuoso, mas já encontrado com aquela maravilhosa aura de doçura que, bruscamente, espiritualizava e humanizava aquela face fuzilante de cólera sagrada. Foi prosaicamente no Lido que me defrontei com aquela admirável cabeça grisalha, batida pela adversidade, de olhos de aço, de voz aguda e metálica e pés atados no solo pelos estragos da guerra, como um atlante mutilado [...]. O profético via coisas que a nossa tarda visão não conseguia ainda vislumbrar (AMOROSO LIMA, 1968, p. 28).

Entre os intelectuais brasileiros que conviveram com Bernanos no Brasil, Alceu Amoroso Lima, o “Tristão de Athaíde”, simboliza desde Jackson de Figueiredo uma geração do pensamento católico que se inspirou no conservadorismo francês – originário da *Action Française* – ao qual também esteve ligado pelo referencial da filosofia cristã de Jacques Maritain. Nesse prisma, o princípio de autoridade era defendido como balizador do restabelecimento da sociedade nos parâmetros da hierarquia, da ordem, no pressuposto que se entendia na época como sendo uma concepção cristã e católica de organização social. Autoridade como representação do bem comum. Historiadores apontam que, até os anos de 1940, ainda predominava no catolicismo conservador brasileiro a influência de Jackson de Figueiredo, principal admirador de Maurras no Brasil e considerado visceralmente um antiliberal, moralista e nacionalista (CORÇÃO, 1973).

Aliás, após a condenação da *Action Française* pelo Papa Pio XI, o catolicismo conservador no Brasil, especialmente sob a liderança de Alceu Amoroso Lima, também passou por um *aggiornamento*, com a leitura em 1938 do livro *Humanismo integral* de Maritain¹², que indicava o caminho da compreensão – inspirado nos ensinamentos de São Tomás de Aquino – para uma vida moral, digna e virtuosa. E, para isso, o homem devoto precisa de um mínimo de bem-estar e condições materiais. O trabalho do filósofo tomista, assimilado por Amoroso Lima – então defensor do princípio de autoridade – seria então promover a reconciliação da democracia com as suas fontes

¹² Alceu Amoroso Lima também teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Jacques Maritain, em 1936, no Rio de Janeiro, durante a passagem do filósofo francês pelo Brasil; dois anos antes da chegada de Bernanos.

cristãs. A famosa ambiguidade de Amoroso Lima o leva a fazer um *mea culpa* de suas posições anteriores, inclusive de apoio inicial ao franquismo na Espanha e ao Integralismo, de Plínio Salgado, no Brasil. (AMOROSO LIMA, 1948, p. 58).

É sabido que Maritain almejava uma sociedade denominada por ele como nova cristandade, fundada num ideal de liberdade de uma civilização democrática, racional, em oposição ao modelo da Idade Média; nesse caso em oposição ao pensamento de seu compatriota Bernanos, que a seu modo também lutava “pela recuperação da cristandade”. O próprio Amoroso Lima registra essa diferenciação entre os dois pensadores franceses, se referindo a Bernanos:

[...] sua vocação inquisitorial o aproximava mais do ‘martelo dos hereges’ do que a veneração pelo tomismo, que era nenhuma. Bernanos e Maritain são frequentemente aproximados pelos que manejam grosseiramente os instrumentos da apreciação literária. E, não entanto, se colocavam em extremos temperamentais e mesmo intelectuais inconciliáveis. O que não impedia o respeito recíproco. *Si parva licet...* sempre fui muito mais maritainiano que bernanosiano, ao contrário de Jackson de Figueiredo (AMOROSO LIMA, 1968, p. 27).

Pelo visto, Maritain contemplava sobremaneira ao racionalismo e ao estilo conciliador de Amoroso Lima do que o explosivo e intuitivo “medievalista feudal” Bernanos, o que não o impediu de retratar o autor de *Sob o Sol de Satã* e o *Diário de Pároco de Aldeia* da maneira mais elegante e isenta possível, apesar de “minhas relações pessoais com Bernanos sempre se colocaram num plano de tensão, de hostilidade, de discussão quando era possível falar e, mais ainda, discutir com um homem torrencial, que falava sozinho, horas inteiras” (AMOROSO LIMA, 1968, p. 27).

O estilo irrequieto de Bernanos, como o testemunhado por Amoroso Lima, adquiriu maior visibilidade no Brasil principalmente durante a sua fase de vida em Barbacena, período em que pode interagir mais com os intelectuais brasileiros, certamente em função de uma maior proximidade geográfica com o Rio de Janeiro e Belo Horizonte. *Cruz das Almas* possibilitou ao autoexilado, dialeticamente, proximidade e distância de que ele tanto necessitava, de modo assegurar simultaneamente sua “resistência” e espírito de combate contra a guerra, em consonância com o exercício pessoal de autonomia crítica; ao

mesmo tempo em que pudesse praticar um desejo de vida interiorana, de suas reminiscências de juventude em Artois.

Além de inúmeras visitas e contato com os amigos mais próximos, principalmente os seus provedores como Virgílio de Mello Franco, Henrique José Hargreaves, dentre outros, a fase de Barbacena proporcionou outro encontro emblemático, em fevereiro de 1942: o de Bernanos com o escritor austríaco de origem judaica Stefan Zweig (1881-1942), que também escolhera o Brasil para se refugiar do avanço nazista durante a 2ª Guerra – instalou-se com a esposa em Petrópolis-RJ. O romancista Geraldo França de Lima participou desse encontro:

Stefan Zweig surgiu certo dia de surpresa em Barbacena, e queria visitar Bernanos. Fui levá-lo à Cruz das Almas e confesso que estralava os dedos com medo da recepção, temia uma daquelas explosões bernanosianas. No entanto confesso: nunca até então tinha visto Bernanos receber tão carinhosamente, acolher comovido e fraternalmente, como recebeu Stefan Zweig. Zweig estava desfigurado: triste, abatido, sem esperança, cheio de pensamentos aziagos. Bernanos animou-o: conversava com ele docemente. Queria que Zweig passasse uns dias em seu sítio. Convidou-o para acompanhá-lo num protesto ao mundo contra as barbaridades que Hitler praticava contra os judeus e que ele, Bernanos, enfurecido, qualificava crime contra a humanidade (AMOROSO LIMA, 1968, p. 113).

Como se sabe, a proposta de Bernanos a Zweig, de “protesto ao mundo” contra os horrores nazistas, não chegou a se efetivar. Stefan Zweig e sua mulher Lotte morreriam tragicamente dias depois, 23 de fevereiro, em Petrópolis, abatidos e pessimistas quanto ao desfecho da guerra na Europa. O autor de *Brasil, País do Futuro*¹³, onde enaltece a mistura de raças entre a população, foi um escritor pacifista e cosmopolita, originário do idealismo alemão; certamente uma personalidade muito diferente de Bernanos, no que pese um problema comum vivenciado intensamente pelos dois escritores: os males da guerra.

Bernanos e parte de sua família deixaram Barbacena no início de 1944, em direção ao Rio de Janeiro, antes de sua partida definitiva do Brasil, em 1945. Geraldo França de Lima registra que, mesmo ao final da guerra na Europa, com a iminente vitória das forças aliadas, “notei-o muito triste e seus

¹³ ZWEIG, Stefan. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1941.

olhos pareciam-me apagados. O fim da guerra não lhe trouxera aquela alegria esperada” (AMOROSO LIMA, 1968, p. 116).

É nesse período que Bernanos vai explicitar sua severa crítica aos Estados Unidos, mas também aos russos, vencedores da guerra contra a Alemanha nazista. Ao ler no *Time* que a General Eletric desenvolveu 40.000 tipos de motores diferentes, fica “horrorizado com o império da máquina, o ‘espírito da máquina’, que tudo resolve e não resolve nada” (CUNHA, 1968, p. 189). Amoroso Lima lembra que, para o autor de *A França contra os robôs* (1944), “a América do Norte era a civilização da máquina, da técnica, do ‘standart’, da ‘mass-production’, da democracia plutocrática, da quantidade. Era a expressão desse mundo de cifras e de ‘robots’” (AMOROSO LIMA, 1968, p. 25).

Bernanos e parte de sua família retornaram a Europa em 1945, ao final da 2ª Grande Guerra, com a libertação francesa da ocupação nazista, requisitado pelo general Charles de Gaulle, embora negando o seu convite para ocupar o posto de Ministro da Educação. Bernanos falece três anos depois em Paris, no dia 5 de julho, aos 60 anos de idade, após outro curto “exílio” durante o inverno de 1947-48 na Tunísia, norte da África.

3 LITERATURA E ASPECTOS ÉTICOS RELIGIOSOS EM BERNANOS

Neste capítulo, o propósito é captar na narrativa do próprio autor o seu significado ético-religioso, discutindo questões fundamentais como o mal, a morte, o sofrimento, virtudes, fé, esperança e a caridade. Pretende estabelecer conexões analíticas entre literatura, filosofia e ciências, extraíndo conteúdo dos romances *Sob o Sol de Satã* e *Diário de um Pároco de Aldeia*, dando ênfase à condição dramática de seus personagens. A força da narrativa, por suas próprias características, provém da maneira engenhosa como as palavras são traçadas e profundas em seus significados. É a ênfase na metáfora e no sobrenatural, numa dimensão dialética, estabelecendo o trânsito de múltiplas correspondências.

O capítulo abre a discussão dos conceitos fé, liberdade e livre-arbítrio, buscando no apóstolo Paulo e principalmente na filosofia cristã medieval de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, os seus fundamentos clássicos, além de Aristóteles. Nessa discussão, o capítulo ainda agrega autores modernos como Emmanuel Mounier e Hannah Arendt para tratar da problemática da liberdade, livre-arbítrio e papel da religião.

A atividade narrativa é central neste capítulo, pela via da imaginação do autor. Enfatiza a capacidade de tornar visível no mundo suas formas potenciais, própria do ofício literário. O capítulo apresenta trechos narrativos de Bernanos muito refinados, aptos ao discurso poético e intuitivo. Ganha centralidade a dialética bernanosiana, o modo de pensar e agir dos seus personagens e como essas trágicas figuras estabelecem relações com o *outro*, com Deus e com o mundo.

A análise de conteúdo permitiu identificar e problematizar ideias, captando o sentido simbólico das obras de Bernanos. É importante salientar que sempre será possível investigar os textos considerando múltiplas perspectivas, onde predomina o drama humano e sua carência de seus personagens perante Deus. É uma narrativa capaz de conjugar a presença de múltiplos recursos literários, impregnada de enigmas e vivências do cotidiano.

3.1 Significado literário

Bernanos está vinculado a uma visão trágica e pessimista do cristianismo, agônica do mundo. A figura do sacerdote católico que luta para a salvação das almas de seus paroquianos, dominados pelo tédio e pela indiferença, está muito presente em seu trabalho. Nos romances *Sob o Sol de Satã* e *Diário de um Pároco de Aldeia* o sacerdote é o personagem central.

Além da batalha espiritual do bem e do mal, ele explora temas como: a miséria enquanto fonte do desespero, alimentada por Satã, e a pobreza enquanto fonte da esperança, princípio de realeza de um povo errante, descendente de Cristo. Para o escritor, a exploração do homem pelo homem subsiste nos costumes, dentro de um “circuito infernal” que esconde a injustiça, que é parte da condição humana, ao tentar disseminar a força dos pobres e desfigurar sua altivez em servilismo, se possível transformando-os em pequenos funcionários.

[...] Homens como estes existem entre os pobres como entre ricos, e o miserável que vai curar sua bebedeira á beira do rio talvez tenha os mesmos sonhos que César, adormecido sob suas cortinas de púrpura. Ricos ou pobres olhai-vos, pois, na pobreza como em um espelho, porque ela é a imagem de vossa decepção fundamental, substitui na terra o paraíso perdido, é o vazio de vossos corações, de vossas mãos. Se a coloquei tão alto, se a tomei como esposa, e a coroei, foi porque conheço a vossa malícia. Se tivesse permitido que a considerásseis inimiga ou apenas estrangeira, se vos tivesse deixado a esperança de algum dia poder rechaçá-la do mundo, teria ao mesmo tempo condenado os fracos. Porque os fracos serão sempre para vós um fardo insuportável, um peso morto que vossas civilizações orgulhosas transmitem umas às outras, com desgosto e cólera (BERNANOS, 2011, p. 64).

Em Bernanos o mundo moderno que despreza a pobreza é satânico, o que instigaria os cristãos a não se resignarem ante esse fenômeno, ao sofrimento alheio. Também a guerra moderna é outra forma satânica do desprezo, da revolta contra as “bem-aventuranças”. Para ele, a verdadeira vocação dos cristãos é defender os valores essenciais da vida, em luta contra uma atitude confortável, cumplicidade medrosa e silenciosa dos “bem pensantes” diante da mediocridade universal (MOELLER, 1958).

Bernanos descreve os homens com um senso inexorável de realidade e em toda sua decadência: a luxúria, a mentira, a tendência ao suicídio e ao

homicídio, o uso reiterado de drogas. Mas, através de seu amor sacerdotal, seu perdão dos pecados, sua capacidade de ver o olhar subitamente lavado de todas as mentiras de suas criaturas, ele restaura o equilíbrio desconhecido e destruído do mundo imanente e transcendente.

E, através do padre do *Diário de um Pároco de Aldeia*, ele diz:

Amei ingenuamente as almas (penso, aliás, que não saberei amar de outra forma). Essa ingenuidade foi se tornando, com o tempo, perigosa para mim e para o próximo, eu o sinto claramente. Pois sempre resisti muito mal à natural inclinação do meu espírito que me permitia considerar invencível aquela ingenuidade (BERNANOS, 2011, p. 279).

Entre os críticos literários percebe-se que não há uma definição sobre o gênero literário das suas obras. Alguns incluem Bernanos, curiosamente, entre os jansenistas¹⁴ escritor que faz parte de uma linha de pensadores de caráter dogmático, moral e disciplinar.

Álvaro Lins (apud QUEIROZ, 2009), afirma que não é nos padrões canônicos do romance, de seus modelos acadêmicos que podemos enquadrar a obra de Bernanos, porque este seria “da raça dos escritores que usam os gêneros literários como personalíssimos instrumentos. O seu gênero é o do seu temperamento dramaticamente poderoso de genuíno; e seu estilo singularmente estrutural de autêntico [...]”.

Diante desse conflito em que o próprio crítico se coloca, Álvaro Lins extrai a solução do temperamento como explicação: “do romance católico de Bernanos não se dirá apenas que é o romance de almas, mas um romance de

¹⁴ O jansenismo, surgido no seio da Igreja Católica no século XVII e condenado em várias bulas papais, já foi definido como “a doutrina de santo Agostinho vista com olhos calvinistas”. Conhece-se como jansenismo a doutrina dos seguidores de Cornelius Jansen, teólogo holandês que se tornou bispo católico de Ypres e faleceu em 1638. Baseado na tradicionalmente aceita doutrina de Santo Agostinho, reafirmada por São Tomás de Aquino, o jansenismo atribuía a salvação da alma ao juízo prévio e insondável do Criador, e não às “boas obras” ou à disposição da criatura. A teoria jansenista se acompanhava de uma ética severa e rigoroso ascetismo. Seus principais adversários eram os teólogos da Companhia de Jesus que, influenciados pelo humanismo renascentista, passaram a pregar a importância do livre-arbítrio e da colaboração da vontade humana na salvação. A revisão doutrinária humanística empreendida pelos jesuítas obedecia à idéia segundo a qual a persistência na tradição agostiniana favoreceria o calvinismo emergente. Disponível em: <<http://www.Estudante.de.filosofia.com.br/doutrinas/jansenismo.php>>. Acesso em: nov. 2013.

almas em oposição”. Examinando a natureza dessa oposição, Álvaro Lins acrescenta:

O romance de Bernanos é o das oposições: entre almas, entre sentimentos, entre instituições; e seu ponto de partida cifra-se numa ideia que está expressa em *Monsieur Ouine*: a de que não há fogo no inferno, mas frio. O fogo, que é a vida, está do lado divino. E é pelo fogo que o católico se configura em face do mundo, num movimento que deve ser mais de oposição do que de integração, (LINS apud QUEIROZ, 2009).

A literatura de Bernanos, sem servir ao modelo de catequização, é, além de tudo, expressão da fé e da esperança, porque, para ele, "nossa felicidade interior não nos pertence mais do que a obra que ela motiva". Ninguém melhor que Bernanos poderia ilustrar fazer tal afirmação. Sua narrativa, crivada de simbolismos e metáforas, nutre-se de sua vocação criativa de reatualização da imagem prismática de um tempo em vias de desaparecimento, ceifando vidas que nunca se realizam plenamente em sua condição humana.

Trata-se de uma literatura-filosófica capaz de conjugar a presença de múltiplos recursos narrativos, impregnados de enigmas e sagacidades. A rigor, apresenta aos seus leitores uma forma narrativa muito refinada, apta a recuperar o discurso poético em meio ao drama cotidiano de seus atormentados personagens, aguçando reflexões mas sem jamais pondo fim a dilemas existenciais.

3.2 Significado ético-religioso

A problemática comum na literatura de Bernanos é o estigma do mal. Em sua obra, o exercício do mal adquire uma dimensão ontológica, portanto presente e aprisionada no ser (enquanto ser) e seu cotidiano, o que exige o diálogo do indivíduo para consigo mesmo, sacrifício ético, superação pessoal e vocação religiosa, dada a própria limitação do ser.

Na literatura bernanosiana verifica-se a transcendência profética da ética fundada na originalidade da religião. Sendo o escritor um católico de formação conservadora, a ética religiosa está profundamente marcada em seu universo

literário. Seus principais livros, *Sob o sol de Satã* e *Diário de um Pároco de Aldeia*, estão ambientados no interior norte da França, em Artois, das primeiras décadas do século XX, no período entre guerras mundiais. Em geral, suas obras retratam a percepção do autor – por meio de seus personagens – dos dilemas do mundo moderno cada vez menos disponível para o exercício penoso da espiritualidade. Seus personagens são fundamentalmente contraditórios, dramáticos e enraizados aos valores da vida rural, orientados pelo tradicionalismo paroquial, mas onde a persistência do pecado condiciona o destino humano.

Pode-se afirmar que a ficção de Bernanos é uma polêmica que o nômade escritor manteve consigo mesmo e também contra a corrupção de valores, por perceber – e testemunhar, inicialmente na Espanha (1936) e, posteriormente, resistir no Brasil (1938-1945), nas residências de Pirapora e Barbacena, no interior de Minas Gerais – os prenúncios trágicos do mundo moderno, que acabaram culminando com a institucionalização do fascismo, nazismo e totalitarismo na Europa.

Para isso, recorreu com maestria à utilização da linguagem metafórica, principalmente para questionar a possibilidade de viver a experiência da espiritualidade ante as condições inexoráveis do mundo moderno, dominado pelo pecado cotidiano, pelo utilitarismo e pela técnica a serviço desse mesmo mal – um mundo de fetiche, onde, para Bernanos, a derrota das consciências “verdadeiramente cristãs” condiciona os indivíduos – “sob o sol de Satã” – à sombra da mediocridade.

Os personagens de Bernanos são, em geral, figuras contraditórias e problemáticas, não enquadráveis em uma só categoria analítica, o que certamente atende ao interesse do autor em mostrar as contradições da própria condição humana, conforme ficou registrado em inúmeros depoimentos do próprio escritor e de seus interlocutores no Brasil. (SARRAZIN, 1968).

Em *Sob o Sol de Satã*, Bernanos propõe uma nova visão do sagrado para o homem moderno, racional, autônomo, sem crenças, distantes da transcendência. O homem, enquanto personagem de Bernanos, descobre, na realidade prosaica de seu percurso, a dimensão do sobrenatural. Já em *Diário de um Pároco de Aldeia*, num tom confessional, novamente um padre interiorano é a figura central da obra literária, que parece relacionado muito

mais aos primórdios do cristianismo do que a uma época de cristandade triunfante, onde a posição do religioso torna-se um cargo respeitável e admirável socialmente.

Bernanos, nessas obras citadas, trabalha com a noção do mal (pecado), ou seja, a consciência da presença do mal nos nossos pequenos gestos e que define o nosso cotidiano. O tema fundamental na obra do escritor católico francês é a experiência intensa da espiritualidade, no mundo das técnicas, numa época marcada por fundamentalismos religiosos e políticos. (GOMES, 2012).

No entanto, em Bernanos o princípio agônico sempre estará presente em seus personagens, dando centralidade ao conflito interior, vivido no cotidiano, na relação com temporalidades distintas, onde o mal (em luta contra a fé) é constitutivo ao ser humano e se apresenta em todas as dimensões da vida.

Oh, desvario da esperança, sorriso e beijo da traição! [...] Toda alegria é má [...] Toda alegria vem do demônio. Pois que não sendo digno, jamais, da preferência com que meu único amigo se iludiu, não me enganes mais muito tempo, não mais me chames, restituindo-me ao meu nada. Fase de mim a matéria inerte de tua obra. Não quero glória! Não quero alegria! Nem esperança quero mais! Que tenho eu a dar-te? Que me resta? Só esta esperança. Retira-a de mim. Toma-a! Se eu pudesse, sem odiar-te, em tuas mãos entregar-te-ia minha própria salvação. Eu me danaria por essa almas que por irrisão me confiaste, a mim, tão miserável! (BERNANOS, 2010, p. 126).

E se há uma saída possível, essa se daria na prática da espiritualidade, do sacrifício, da disciplina, da prece que implica o abandono de si mesmo e da abnegação para com o *outro*. Neste autor, a religião torna-se, portanto, um instrumento de fé, cuja ética orienta o exercício da liberdade em direção ao bem.

Reli sem prazer essas primeiras páginas do meu diário. Certamente, refleti muito, antes de me decidir a escrevê-lo. Isso, porém, não me sossega o espírito. Para qualquer pessoa habituada à prece, a reflexão é, as mais das vezes, um “álibi”, uma sorradeira forma de nos confirmar em um desígnio. O raciocínio deixa facilmente na sombra o que desejamos deixar oculto. O homem do mundo que reflete calcula perfeitamente suas possibilidades! Mas que poderiam valer nossas possibilidades, a nós, que aceitamos, uma vez para sempre, a terrível presença; a presença de Deus em cada instante de nossa pobre vida? Sob pena de perder a fé – e que lhe restará, então, visto que não pode perdê-la sem negar a si mesmo? – um padre jamais

poderia ter de seus próprios interesses a clara visão tão direta – gostaria de dizer tão ingênua, tão simples – dos filhos do século. Calcular nossas possibilidades, para quê? Não se joga contra Deus (BERNANOS, 2011, p. 11).

Mounier aponta que, em Bernanos, “a liberdade tal como o corpo, só progride perante obstáculos, opções e sacrifícios”. Em Mounier, da mesma forma que em Bernanos, o dilema consiste no fato de que “a maioria das pessoas prefere a escravidão na segurança ao risco na independência e liberdade, a vida material e vegetativa à aventura humana” (2004, p. 122). Assim, interpretando Bernanos, na definição de fé e liberdade, Mounier, escreve:

É o homem, dizia Bernanos, capaz de impor a si próprio uma disciplina, mas que não aceita cegamente de ninguém; o homem para quem é supremo ‘conforto’ fazer, tanto quanto possível, o que quer na hora de escolher, mesmo que tenha que pagar em pobreza e solidão esse interior testemunho a que confere tão elevado preço; o homem que se dá ou se recusa, mas que nunca e a nada se presta (MOUNIER, 2004, p. 121-122).

No entanto, para esse mesmo autor, Bernanos também entende que “o homem livre é um homem que o mundo interroga e que responde, é o homem responsável.” (MOUNIER, 2004, p. 133).

Pode-se afirmar que, em Bernanos, na subjetividade do sujeito está presente o princípio agônico, na agitação existencial pelo *eu* sobre si mesmo, visto que, abandonar-se sem esquecer-se de si mesmo, não quer dizer abandonar-se. Quer dizer reencontrar-se no *outro*, na comunidade. É substituir a indiferença pela comunhão.

Odiar a si mesmo é mais fácil do que pensar. A graça está em esquecer-se de si mesmo. Mas se todo orgulho está morto em nós, a graça das graças consistiria em amar-nos humildemente a nós mesmos, como se ama a qualquer dos membros de Jesus Cristo entregue ao sofrimento (BERNANOS, 2011, p. 283).

Através de seus personagens, o autor mostra que a relação para com o *outro* não é simétrica. Pelo contrário, exige sacrifício e doação. E nessa relação há, inevitavelmente, uma atração por Deus, numa aproximação ao Infinito. E, nesse processo de atração por Deus pode-se constatar uma ligação entre ética

e ontologia, com ênfase na sociabilidade humana, numa perspectiva de testemunho, de solicitude e de plena abertura ao “outro”.

Para Bernanos, a presença de Deus se estabelece nas relações intrínsecas e antagônicas entre o bem e o mal, entre a fé e a liberdade, em forma de revelação sobrenatural. Na sua linguagem messiânica, o *eu* é afetado pela presença do *outro*, tendo a palavra de Deus como fonte primordial de inspiração no processo de interação. São singularidades únicas, que também exigem julgamento e condenação, mas também abnegação e sabedoria por parte dos envolvidos na relação.

Na dimensão da espiritualidade em Bernanos, o infinito se expressa no sobrenatural, na luta agônica entre o bem e o mal. É a consciência aguda da inevitabilidade da presença absoluta do mal nos gestos mais prosaicos do cotidiano, mas que, no entanto, pode ser enfrentado na revelação, no exercício da crença religiosa e até mesmo do milagre.

Em Bernanos, a ética se expressa na orientação em direção ao bem, mesmo com todos os percalços existentes. É a transcendência profética da ética fundada na originalidade da religião. Para o mestre das oposições, o bem é expressão da fé e da esperança num mundo moderno dominado pela instrumentalidade e condições materiais, colocando em risco a vocação religiosa e experiência da espiritualidade.

Em Bernanos o exercício do mal adquire uma dimensão trágica, portanto presente e aprisionada no ser (enquanto ser) e seu cotidiano, o que exige o diálogo do indivíduo para consigo mesmo, sacrifício ético, superação pessoal e vocação religiosa, dado a própria limitação do ser. Em o *Diário de um Pároco de Aldeia*, o autor escreve: “[...] O mundo do mal está tão fora do alcance de nosso espírito! Aliás nem sempre consigo imaginá-lo como um mundo, um universo! Ele é, será sempre, apenas, um esboço de uma criação disforme, abortada, no extremo limite do ser.” (BERNANOS, 2011, p. 138).

As obras de Bernanos mostram uma humanidade oriunda da crise de fé. Uma crise da fé católica. Essa crise que atravessa filosofia moderna e chega até os debates da filosofia da religião e da filosofia da existência dos Séculos XIX e XX. São dramas e conflitos que acompanham a imagem do homem moderno. Esta crise perpassa, sobretudo, a questão da identidade: das demandas mais simples àquelas mais complexas como a sexualidade, por

exemplo. Não está descartada uma ordem ideológica que, aproveitando-se da potente máquina do entretenimento, tenta construir à força (mais mercadológica que reflexiva) não só sua ideia de Igreja como também aquela do sacerdote ideal para os tempos modernos: conturbado, duvidoso, alheio a norma moral, em crise institucional e conflitivo consigo e com o seu tempo.

A filosofia existencial francesa, desde seus primórdios, é claramente anticlerical e se afirma desse modo. Por isso, para a compreensão do significado ético da literatura de Bernanos, examinando, através de suas obras a crise de fé, percebe-se que o autor não se desvia do propósito fundamental de ser um observador do coração humano, fiel à lição de Stendhal, o autor clássico de *O vermelho e o negro*.

O regionalismo vívido e até exacerbado de sua obra habitada pela matéria não é um fim em si mesmo, uma intenção literária que se cumprisse nas descrições elementares. É apenas o cenário, imposto pela experiência particular e intransferível do romancista, destinado a projetar uma saga da existência humana e narrar a luta do homem contra si mesmo ou o meio comunitário. O autor se volta para o processo de desagregação individual e social, e questiona o conflito que desune e dilacera as criaturas mais simples. O sentimento da decadência e culpa cobre sua obra como se fosse uma mortalha ou um grande lençol de neve.

3.3 Afirmação da literatura nas Ciências da Religião

De modo geral, as Ciências da Religião associam-se a um processo de secularização que permite a institucionalização de saberes sobre crenças e comportamento humano em sociedade, de forma abstrata e também concreta. Quando se toma o conjunto das narrativas e símbolos de uma religião – que a ciência contribui para desvendar – pode-se perceber um esquema da ordem da sociedade, ou o esquema interior do indivíduo humano. É uma maneira sistemática de compreender fenômenos religiosos, transformando-os em objetos de observação e análise, onde a força anônima, difusa, superior aos indivíduos e próxima deles, é, na verdade, o objeto de culto (WILLAINE, 2012).

Apesar da desconfiança de teólogos e da própria Igreja Católica, a literatura de Bernanos, mesmo sem a pretensão da catequização, é um esforço

dramático de expressão da fé e da esperança. Em suas obras predomina uma vida cristã dominada pelo constante risco, numa perpétua vacilação entre o bem e o mal. Nesse aspecto, no campo da análise científica, pode-se encontrar similaridades do estilo ficcional bernanosiano na antropologia da violência e do simbolismo religioso de René Girard. Se para Girard (2008) o sagrado é o instrumento regulador do qual as sociedades lançam mão ante a violência generalizada, em Bernanos há uma afirmação do primado da interioridade.

O sagrado nada mais seria do que exercício penoso da fé, nos indivíduos, em contraposição às tentações e ao mal. Nesse sentido, as virtudes tomam os vícios como matéria-prima para o rebate no plano da sociedade, no sentido proposto por Santo Agostinho, de que a verdade que salva habita no interior do homem, apesar da persistência da maldade “sob o sol de Satã”.

Em Bernanos, a religião – enquanto sistema lógico-doutrinal – é um universo complexo e contraditório que se manifesta e se desenvolve no tempo e no espaço, num mundo laicizado, condicionado por limitações materiais e espirituais. Assim, a exemplo da religião, em Bernanos a ciência pressupõe prática social, a combate à mediocridade, como aponta em *A França contra os robôs* (1944). Ainda favorece a compreensão das práticas de crenças, considerando que os indivíduos vivem sob regras morais e formas de representações que se impõem a todos em comunidade. É sempre uma narrativa composta de elementos fictícios ou de acontecimentos reais.

[...] A religião de que sou ministro... tem tesouros de indulgência... de caridade... o escrúpulo tocando o dogma... pode... deve de algum modo... concordar com a paternal solicitude... uma benevolência particular... para certas almas excepcionais... Eu não acreditava que um esforço sincero de conciliação... de síntese... uma certa largueza de vistas... a vida futura... segundo o ensinamento da igreja... (BERNANOS, 2010, p. 298).

No caso do ficcionista francês, a afirmação da fé e da liberdade exige uma busca incessante do esclarecimento interior, da reflexão, para o *estar no mundo*, no exercício cotidiano de difusão da mensagem cristã, se colocando à disposição do outro, em visita de casa a casa, como é o caso do pároco de uma aldeia que lhe é indiferente e hostil. O que está em questão, aí, não a ação paroquial em si, mas a predisposição para estar presente, mesmo sendo em vão.

Em seus romances, no que pese à ênfase no sobrenatural, o escritor francês jamais afasta-se da realidade social, onde a vida cotidiana, embora ordinária, tem sua importância especial. A força ficcional de Bernanos, a exemplo da literatura de Fiódor Dostoiévski e Franz Kafka, não se predispõe a *resolver* problemas, mas pretende sim aguçar o sentido imaginativo do seu leitor – como também se observa na narrativa do pároco anônimo, em o *Diário de um Pároco de Aldeia*:

Pensava no gado que ouvia mugir em meio a cerração e que o vaqueirinho, de volta da escola, maleta debaixo do braço, ia conduzindo, através do pasto úmido, para o estábulo quente, cheiroso... e ela, a pequena aldeia, parecia aguardar também – sem grande esperança -, depois de tantas noites passadas na lama, um dono que a conduzisse para algum improvável, algum inimaginável asilo (BERNANOS, 2011, p. 8).

O estilo de Bernanos interessa às Ciências da Religião pela riqueza de detalhes fenomenológicos de seus personagens. Há um fenômeno religioso implícito, ou mesmo explícito, dramático, paradoxal. Um fenômeno vivido que agora tematizamos em análise através da chave fé-liberdade. Importa salientar que o binômio fé-liberdade não se expressa como conceitos, mas como vivências cotidianas dos personagens de Bernanos.

Ao analisar depoimentos de seus amigos e contemporâneos, além de mensagens e cartas do próprio Bernanos, detecta-se recorrentes dúvidas desse autor de que a profissionalização científica do saber possa produzir um conhecimento mais profundo da realidade, especialmente dos indivíduos, numa crítica constante aos acadêmicos, à *intelligentsia* iluminista e ao cientificismo. Faltaria à ciência tradicional um repertório de criatividade, pluralismo e capacidade de compromisso moral, desrespeitando distâncias temporais de alguns séculos.

Nas ciências humanas difundidas no Brasil houve relativamente pouco interesse no estudo do cotidiano e seus personagens, por parecer banal e insignificante no campo da pesquisa científica. Essa opção anula a visibilidade do todo e a consciência crítica que daí decorre. “Uma mutilação que anula a dimensão propriamente dialética da realidade social, suas contradições e seus desafios interpretativos” (MARTINS, 2008, p. 12).

Daí o interesse dentro do horizonte das Ciências da Religião, visto que romancistas como Bernanos souberam desconstruir e reconstruir o vocabulário e as categorias, numa abordagem essencialista, como acontece, por exemplo, com a literatura existencial de Guimarães Rosa, que também buscou inspiração no sertão mineiro para decifrar a universalidade de seus personagens locais. É na travessia, no inacabado e inconcluso, no permanentemente incompleto de Rosa e Bernanos, que pode-se tirar – cientificamente – elementos essenciais e categorias para análises interpretativas.

3.4 A questão do mal

Existem inumeráveis faces do mal. Desde Santo Agostinho até os nossos dias, a experiência religiosa mais profunda percebe e tematiza a luta entre bem e mal nos indivíduos, sejam eles padres, militares, políticos, comerciantes, cientistas, juízes, velhos ou moços.

Bernanos, em seus romances tratou, sobretudo, dos padres e das freiras, onde não existe lugar para divisões metafísicas entre bons e maus. Padres e freiras pecam e os inocentes podem praticar os piores malefícios. O perdão e a morte se complementam em especial na banalidade cotidiana.

O romance *Sob o Sol de Satã* (2010) começa com uma hora crepuscular hipnotizante, mas já “envenenada”. Há algo de podre, de venenoso por detrás das aparências:

Dissolve-se o horizonte; os últimos raios do sol, uma grande nuvem branca, cor de marfim, paira no céu crepuscular e do zênite ao solo: a solidão imensa, gelada, cheia dum silêncio líquido... É a hora do poeta que destilava a vida em seu coração para extrair-lhe a essência secreta, perfumada, envenenada. O turbilhão humano com mil braços e mil bocas já se agita na sombra; o bulevar fervilha e deslumbra... e ele, recostado à mesa de mármore, olha a noite subir, como um lírio (BERNANOS, 2010, p. 13).

O itinerário sobrenatural que se configura no romance *Sob o Sol de Satã*, protagonizado pelo Padre Donissan, futuro “Santo de Lumbres”, apresenta de maneira exemplar os embates de alma e corpo contra o mal a que todos os personagens de algum modo estão submetidos. Neste romance,

o mal tem um nome: pecado. O mal já não é um conceito, mas uma pessoa. Bernanos mostra o pecado envolvendo toda uma geração. Desenvolve uma concepção do mal em uma tradição romântica de revolta contra a ordem social ou o conformismo burguês.

Oh, vós, que nunca conhecestes do mundo senão cores e sons sem substância, corações sensíveis, líricos lábios onde as acres verdades somem-se como bombons – pequenos corações, pequenas bocas -, isso não é para vós. Vossas diabruras dão na medida de vossos nervos frágeis, de vossos preciosos crânios, e o demônio de vosso estranho ritual não é senão vossa própria imagem deformada, pois todo devoto do universo carnal carrega consigo o seu próprio demônio. O monstro olha para vós, rindo sem deitar-vos mesmo a sua garra. Nem ele está em vossos livros caducos, nem vossas blasfêmias, nem em vossas ridículas pragas. Não está em nossos olhares cúpidos, em vossas mãos pérfidas, em vossos ouvidos vazios. Não o encontrareis ainda em vossa carne irrigada de lubricidade insaciável, pois nos lábios que beijais mordendo, só há sangue aguado e corrupto. Entretanto, o demônio está... Está na oração do homem só, em seus jejuns e em suas penitências, nos abismos de seus mais profundos êxtases, na calma de seu coração. É ele quem envenena as águas lustrais ou arde na cera dos altares, mistura-se ao hálito das virgens, lacera como o cilício e a disciplina, corrompendo todos os caminhos. Ainda está nos lábios que se entreabrem no arremedo da verdade, no êxtase beatífico do justo, povoado de relâmpagos e clarões, até nos braços de Deus ele pode pairar. Dispensa-se de disputar tantos homens à terra, em que se arrastam como animais, esperando que ela os cubra amanhã. Esse rebanho obscuro vai sozinho para seu destino... Na verdade, o ódio do inferno está reservado aos santos (BERNANOS, 2010, p. 125-126).

Pode-se dizer que o “sol de Satã” não seria mais do que a luz ofuscante do erro. O mundo de Satanás é basicamente o mundo da ilusão de promessas. O autor tem sempre a preocupação com a cegueira de seus contemporâneos que, em nome do materialismo, ou simplesmente a indiferença, não vê o mal e deixam se arrastar por situações irresponsáveis.

[...] o homem que defende a vida num combate desesperado não pode arredar o olhar do que se passa à sua frente e não perscruta o céu de onde desce igualmente a luz sobre o bom e sobre o mau. [...] O torpor de que emergira era preferível à alegria que o decepcionou, essa alegria ainda mais detestada por ter sido, um momento, tão querida! Oh, desvario da esperança, sorriso e beijo da traição! [...] (BERNANOS, 2010, p. 126).

Para Bernanos, Satanás age nas almas buscando perverter o trabalho de Deus. O demônio se esconde na realidade comum. “Ele” aparece no vazio:

onde Deus dá a certeza da fé. Satanás é mestre da ilusão de um conhecimento superficial ou equivocado. Se Deus é amor para a sua criatura, Satanás aponta em seu desprezo. Onde Deus está, Satanás produz apenas desespero e frio. O sol que ilumina Satanás não é quente. Assim se expressa Bernanos: “[...] Resisto maravilhosamente ao frio e ao calor. [...] Estou com frio... estou sempre com frio... Eu sou o próprio frio. A essência da minha luz é um frio intolerável...” (BERNANOS, 2010, p. 149).

O protagonista desta obra, Padre Donissan, é submetido à sedução satânica, a experiência do mal na pobreza e no abandono quase completo, semelhante a do Cristo em sua Paixão.

- Recebeste o beijo de um amigo – disse tranquilamente o tratador de bestas, apoiando-lhe os lábios ao dorso da mão. – Eu te enchi de mim, a ti, tabernáculo de Cristo, querido tolo! Não te assustes por tão pouco: beijei outros, antes de ti, muitos e muitos outros. Quere que te diga? Beijos a todos, acordados ou adormecidos, mortos ou vivos. Eis a verdade. Meu supremo deleite é estar com vocês, anões-deuses singulares, singulares criaturas! Falando com franqueza, eu nunca estou ausente. Vocês me trazem em sua carne obscura, a mim, cuja luz foi a essência, no tríplice recesso de suas tripas, eu, Lúcifer... eu me arrolo, todos. Nenhum de vocês me escapa. Reconheço pelo cheiro qualquer animal do meu rebanho (BERNANOS, 2010, p. 148).

É difícil acreditar que um homem possa cometer, deliberadamente, esta espécie de suicídio moral com toda boa-fé, como se fosse uma coisa simples e comum, e com uma assustadora, sofisticada, fundamentada e secreta crueldade. A tragédia desse personagem é para testar o quão longe o bem toma aparência do mal, como o mal se torna a ilusão de bom.

Vou deixar-te. Nunca mais me verás. Só me veem uma única vez. Fica na tua estúpida obstinação. Ah! Se Soubesse o salário que teu senhor te reserva, não seria tão generoso, porque somente nós, digo-te eu!, somente nós não somos ludibriados e, do seu amor e do seu ódio, escolhemos, por uma sagacidade magistral, inconcebível, a teu cérebro de lama, seu ódio...mas por que esclarecer-te sobre isso, cão que rastejas, animal submisso, escravo que arranja cada dia um senhor! (BERNANOS, 2010, p.152)

Bernanos, em *Sob o Sol de Satã*, se mostra assustado com o mundo devastado onde reina Satanás, quando a impureza é indissoluvelmente ligada à pureza do justo.

Na intuição de Bernanos de que na noite da Paixão Cristo tomou para si o pecado do mundo, tomou o pecado para expiar os pecados da humanidade. Portanto, qualquer um que quiser segui-lo, o padre em particular, deve viver a mesma profanação de sua mão santa, passar pela mesma insolente vitória degradante do mal, nas profundezas do seu ser. A vocação do Sacerdote (padre e santo), segundo Bernanos, deve ser associada com a agonia de Cristo, para perpetuar e atualizar o benefício das almas confiadas.

Em o *Diário de um Padre da Aldeia*, Donissan renasce dez anos depois como o padre tímido e alcoólatra, um desdobramento do mesmo ser humano em confronto com o mal. Ele morre de desespero e tuberculose, após castigar seu corpo comendo apenas pão e tomando vinho. A mística da graça é identificada com a agonia do “Cura de Ambricourt”, consumido também por um câncer no estômago – e o sacramento da sagrada eucaristia pela carne e o sangue de Cristo é simbolicamente representado pela dieta alimentar do padre que, diferentemente do vigário de *Sob o Sol de Satã*, aceita humildemente sua fraqueza diante de paroquianos que o desprezam.

No *Diário*, anônimo religioso de Ambricourt narra sua luta diária contra os diversos e hostis demônios, encontrados em si mesmo, em sua turma de catequese e nos demais paroquianos, fossem eles ricos ou pobres: o mal, o desamor a tristeza, o desentendimento, a angustia, o pecado e, sobretudo, a desesperança como o próprio narrador registra: “o mal lançado não importa onde germina quase fatalmente. Ao passo que a menor semente do bem, para não ser abafada, precisa de uma sorte extraordinária, de uma prodigiosa fortuna.” (BERNANOS, 2011, p. 99).

Em *Diário de um Pároco de Aldeia*, Bernanos expõe o lado mau da solidariedade espiritual humana, um verdadeiro paradoxo ou mesmo um conflito profundo na alma humana:

A solidariedade do mal, eis o que espanta! Porque os crimes, sejam os mais atrozes, não conseguem revelar muita coisa sobre a natureza do mal, como as sublimes ações dos santos pouco revela sobre o esplendor de Deus. Quando no seminário Maior, começamos o estudo de livros que um jornalista maçã do século passado – Leo Taxil, penso, - tina posto a disposição do público sob o título, aliás enganoso de Livros Secretos dos confessores, o que primeiro nos surpreendeu foi a extrema pobreza dos meios de que o homem dispõe para, não digo ofender, mas ultrajar a Deus, plagiar miseravelmente os demônios... Porque Satanás é um mestre

extremamente cruel: não é ele quem iria ordenar, como o Outro, com sua divina simplicidade: imitai-me! Não tolera que suas vítimas se pereçam com ele; só lhes permite uma caricatura grotesca, abjeta, impotente, da qual deverá desfrutar sem nunca se saciar, a feroz ironia do abismo. Em uma palavra, o mundo do mal está tão fora do alcance do nosso espírito! Aliás, nem sempre consigo imaginá-lo como um mundo, um universo. Ele é, será sempre, apenas, um esboço, o esboço de uma criação disforme, abortada, no extremo limite do ser. Penso nestas cavidades flácidas e translúcidas do mar. Que importa ao monstro um criminoso a mais ou a menos? Desde o primeiro instante, devora seu crime, incorpora-o à sua abominável substância, digere-o, sem sair, um momento, de sua terrível e eterna imobilidade. Mas o historiador, o moralista, o próprio filósofo só querem ver o criminoso: refazem o mal, à imagem e semelhança do homem. Não têm ideia alguma sobre o mal em si, essa enorme aspiração do vazio, do nada. Porque se nossa espécie deve perecer, perecerá de repugnância, de tédio. A pessoa humana terá sido roída, lentamente, como uma trave, por esses cogumelos invisíveis, que, em algumas semanas, transformam um pedaço de carvalho em uma matéria esponjosa onde se pode enfiar o dedo, sem esforço. E o moralista discutirá paixões, o homem de Estado multiplicará guardas e funcionários, e educador redigirá programas – gastar-se-ão tesouros para trabalhar, em vão, sobre a massa já sem fermento (BERNANOS, 2011, p. 137-138).

A descrição amarga do escritor, através de seu personagem anônimo, simboliza a *derrota das consciências* e prevalência do mal. Aqui, o autor chama a atenção para a problemática da vida autêntica. O que importa, nesse caso, não é o jogo estético e a organização da utilidade das coisas no mundo, mas sim como o mal pode determinar para a inércia da vida e do pensamento. Nessa crítica o autor quer destacar a transcendência da existência humana em relação à vida e à matéria, mas cuja compreensão pode permanecer *opaca* ao próprio ser humano ante a persistência do mal, em todas suas dimensões.

Enfim, na modernidade persiste uma espécie de impotência da razão e a iminência cotidiana da morte sobre a vida. O conflito adquire dimensões múltiplas por conta da persistência do mal, que se aguça em momentos trágicos, como os vivenciados por Bernanos.

3.5 A questão da morte, da dor e do sofrimento

Em *Origens do totalitarismo*, numa de suas referências a Bernanos, Hannah Arendt (1998) registra que o escritor católico francês, em 1931, chamara a atenção para a “era trágica” que se revelou a modernidade europeia quando este lamentou a tragédia dos acontecimentos políticos da França nas

primeiras décadas do século XX, antevendo no Caso Dreyfus as conseqüências nefastas para a humanidade: “O processo releva o mesmo caráter desumano, conservando, em meio ao tumulto de paixões desenfreadas e chamas de ódio, um coração inconcebivelmente frio e empedernido” (ARENDT, 1998, p. 116).

Para Arendt, a tentativa totalitária da conquista imperialista e do domínio total constituiu a resposta destrutiva encontrada para todos os impasses, culminando com a ascensão do nazi-fascismo e do stalinismo. “A incompatibilidade entre o real poderio do homem moderno (maior do que nunca, tão grande que pode ameaçar a própria existência do seu universo) e a sua incapacidade de viver no mundo que o seu poderio criou, e de lhe compreender o sentido” (ARENDT, 1998, p. 12).

Embora em ambos os autores se observe a similaridade do diagnóstico sobre a tragédia da modernidade, Hannah Arendt e Georges Bernanos são antagônicos entre si. Enquanto a filósofa judia-alemã potencializa a originalidade humana pela via da ação política na esfera pública, apesar das patologias sociais, por sua vez o escritor francês se coloca no debate público como um pessimista quanto à capacidade humana de emancipação pela via do exercício social. Em Bernanos, a morte, o sofrimento e a dor são marcas ontológicas da vida cotidiana – é a forma de pensar que distingue os autores católicos e toda uma geração literária do pós-1ª guerra.

Em todas as suas dimensões práticas e simbólicas, após a 1ª Guerra, a maioria dos países se defrontou com um período de crises, cuja consequência foi o radicalismo e a violência. No campo literário, o sofrimento, dor e a morte tornam-se elementos constitutivos da narrativa existencial. Bernanos, através de seus romances, retrata o sofrimento, corporifica as agudas inquietações que marcaram o mundo ocidental no período em que viveu e apresenta a imagem metafórica de sua concepção da sociedade moderna: tudo é marcado pela morte espiritual do homem, em um mundo iluminado somente pelo valor do dinheiro.

O tema da morte pode ser encontrado em todos romances de Bernanos. A morte está sempre cercada de medo e solidão, vergonha e impotência, escândalo e desespero. Mas, é justamente em meio a tudo isso que o sofrimento se transforma em um ato de amor. É ato de amor, por estar em

conformidade com o sofrimento de Cristo. Na concepção do escritor, o sofrimento passa a ser participação das trevas da cruz, embora esse fato permaneça despercebido por todos, quando moribundos. O mundo, com todo o seu ódio e cegueira, só reconhecerá, como diz o escritor, que está perdido na incomensurável misericórdia de Deus como uma pedrinha no mar, quando o abismo de sua perdição lhe ficar consciente, em face da graça resplandecente.

Para o autor, a agonia é critério da vida. Ela é o que dá substância ao ato de viver. Por isso mesmo o medo da morte, o sofrimento e a dor, estão intimamente ligados a uma afirmação da vida; a uma alegria de viver. Fé e medo estão incrivelmente próximos, em Bernanos. Para ele, a fé é um lenitivo, que nos torna fortes aos baques da vida. Mas, ela é antes uma coroa de espinhos, que nos torna participantes da santíssima agonia e isso, seguidamente contra a nossa vontade! A fé é, portanto, agonia, luta, fome e sede, vazio que clama pela plenitude de Deus.

No romance *Sob o Sol de Satã* descreve a agonia do Cristo crucificado como algo quase insuportável:

[...] em certas horas, ver por si só uma prova tão certa e tão dura que se desejaria que Deus quebrasse o espelho. Dá-nos ímpeto de quebrá-lo... pois é duro ficar de pé aos pés da Cruz, mas mais duro ainda é contemplá-la profundamente... Que espetáculo, meu amigo, o que decorre da inocência à agonia! Depois de tanta angustia a morte nada é... poder-se-ia procurá-la de uma vez, acabar, encher de terra a boca inefável, sufocar o grito... mas a mão que nos oprime é mais sábia e mais forte; o olhar que se sacia em nós não é um olhar humano. Ao ódio medonho que até na hora da morte espreita o justo moribundo, tudo é concedido, tudo, tudo... a carne divina é dilacerada, violada, profanada por um sacrilégio absoluto até na majestade da agonia... a irrisão de Satanás, meu amigo! O riso, a tremenda alegria da danação!... Para um tal espetáculo - disse ele, depois de uma pausa -, nossa lama é ainda pura demais... (BERNANOS, 2010, p. 246-47).

O desejo do escritor, no sentido de que a cruz seja tornada presente, é tão intenso que ele, inclusive, ousa fazer uma identificação. Através de nós, o mesmo ódio procura alcançá-lo, há milênios, na pobre carne humana consuma-se o horripilante assassinio.

O Padre Donissan é adepto de práticas de flagelação do corpo, condenadas por seus superiores.

[...] A carne de seus rins era só uma chaga ardente, cem vezes lanhada, regada de sangue espumante; e, contudo, todos esses golpes correspondiam a um único sofrimento [...] o ódio cego que enfurecia contra si próprio [...] a ira que nada acalma neste mundo; e se todo sangue da raça humana ocorresse de um só jato, como holocausto, seria comparável tal monstruoso sacrifício a uma gota de água sobre o ferro em brasa... (BERNANOS, 2010, p. 121-122).

O personagem acredita que, talvez, pelo sofrimento da carne possa estar mais perto do Paraíso. Aceitar a dor leva à sua integração e torna possível o viver em paz e alegria. O sacerdote de Bernanos disse: “Parece-me que a verdadeira dor, dor que sai do íntimo do homem, pertence, antes de tudo, a Deus. Trato de recebê-la humildemente em meu coração, tal qual é; esforço-me por fazê-la minha por amá-la.” (BERNANOS, 2011, p. 83).

O *Diário de um Pároco de Aldeia* narra um universo diabólico incontrolável em que se desenvolvem episódios em torno de uma paróquia assolada pelo mal. Suicídios, abortos, assassinatos giram em torno dos personagens de Bernanos.

Minha paróquia é devorada pelo tédio, eis a palavra. Como todas as outras paróquias! O tédio as devora sob nossa vista e nada podemos fazer. Um dia talvez, o contágio tomará conta de nós, descobriremos em nós esse câncer. Pode-se viver muito tempo com isso (BERNANOS, 2011, p. 7).

O “Cura de Ambricourt” conhece o desespero. Na escrita do seu diário pode-se perceber o seu sofrimento:

Ainda uma noite horrível, sono cortado de pesadelos. A Chuva era tão forte que não me atrevi a ir à igreja. Nunca fiz tanto esforço para rezar; a princípio pausadamente, calmamente, depois com uma espécie de violência concentrada, feroz, e, enfim – tendo recuperado com enorme dificuldade o sangue frio, - sob o impulso de um desejo quase desesperado (esta palavra me horroriza), um arrebatamento da vontade que me punha o coração trêmulo de angústia. Nada! (BERNANOS, 2011, p. 100).

Evidencia-se a angustia do padre diante de suas limitações. Uma angustia da própria existência carregada de uma espécie de peso interior, de dor, de uma necessidade pungente da misericórdia Divina. “Nunca se reza sozinho. Acaso, minha tristeza foi grande demais? Pedi, apenas, que Deus viesse a mim. Não veio...” (BERNANOS, 2011, p. 102).

O sofrimento tratado em suas obras não é o do mal natural, é o sofrimento resultante do mau uso da liberdade da ação consciente e voluntária do homem enfim, resultante de sua própria liberdade. “O escândalo do Universo”, diz Bernanos, não é o sofrimento. É a liberdade. “Deus fez livre a sua criação; esse é o escândalo dos escândalos, pois todos os outros procedem dele” (BERNANOS, 1972, p. 224). E o escândalo está justamente na utilização perversa da liberdade.

O mal, o sofrimento e a dor são frutos constitutivos do ser e que pode ser enfrentada a partir da consciência de que o outro mereça o mesmo respeito de si mesmo.

Nós queremos realmente o que ele quer, queremos verdadeiramente, sem o saber, as dores, os sofrimentos, a solidão, embora imaginemos querer só prazeres. Imaginamos temer a morte e fugir dela, quando na realidade queremos esta morte comi Ele quis a Sua. Assim como Ele se sacrifica em cada altar onde celebra a Missa, Ele recomeça a morrer em cada agonia. Queremos tudo o que Ele quer, mas não sabemos que queremos, nós não nos conhecemos, o pecado faz-nos viver à superfície de nós mesmos, só voltaremos a nós para morrer, e é ali que Ele nos guarda (BERNANOS, 1948, apud Christ Eleeison, 2011).

Bernanos representa, por meio da literatura, os conturbados mecanismos da Graça Divina no mundo, interessando, sobretudo, por delinear o percurso da atuação do mal. A seguir pontuaremos a elaboração bernanosiana das virtudes.

3.6 As virtudes: fé, esperança e caridade

Na leitura das escrituras compreende-se que as virtudes apregoadas pela moral cristã são bíblicas. As virtudes teologais (fé, esperança e caridade) tratam do relacionamento com Deus e com o próximo. Nas sagradas escrituras, em todo Evangelho de São João, identifica-se passagens de como Jesus viveu e ensinou esta virtude: “como amasse os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou” (Jo, 13, 1), “Este é o meu mandamento; amai-vos uns aos outros, como eu vos amo” (Jo, 15, 12). “Como o Pai me ama, assim também eu vos amo. Perseverai no meu amor” (JO, 15, 9).

São Paulo, no capítulo 13 de sua primeira carta aos Coríntios, mostra que mesmo com todos os dons e qualidades que o ser humano possui, sem a caridade, o ser não é nada (I Cor. 13, 1-2). Que os atos, por melhores que sejam mesmo na ajuda ao próximo, se não são feitos movidos pela caridade, nada valem. Para São Paulo, isso é a virtude infundida no ser humano como a graça de Deus:

A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas de rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (I COR., 13, 4-7).

As virtudes cardeais (prudência, fortaleza, justiça e temperança) são elaboração de São Tomás de Aquino e fazem parte de uma sistematização que as caracteriza como as principais virtudes clássicas ou fundamentais. As virtudes cardeais são assim denominadas por serem aquelas virtudes que movem todas as demais e sobre as quais todas as outras virtudes estão assentadas. E é em Tomás de Aquino que se identifica o esforço de articulação dos preceitos da teologia cristã com a filosofia de Aristóteles, onde a noção de verdade adquire centralidade analítica.

Diferentemente da ética aristotélica, os romances de Bernanos são marcados com um forte senso teológico. Segundo Aristóteles, o caráter individual é moldado pelas atitudes dos indivíduos, pelas atividades desempenhadas que podem se dirigir ao vício ou a virtude:

As ações, portanto, são chamadas justas e moderadas quando são como as que o homem justo e moderado praticaria, mas o agente não é justo e moderado apenas por praticá-las, e sim porque também as pratica como as praticariam homens justos e moderados. É correto, então, dizer que é mediante a prática de atos moderados que o homem se torna moderado; sem os praticar ninguém teria sequer remotamente possibilidade de tornar-se bom (ARISTÓTELES, 1996, p. 142).

A postura virtuosa está vinculada à realização de atos, atitudes e ao incremento de relações humanas excelentes, como comenta Rodrigues (2013) sobre as lições aristotélicas: “Tornamo-nos temperantes abstando-nos dos prazeres e, é quando nos tornamos temperantes que somos mais capazes de

abster-nos dele”. Quanto mais temperante, mais capacidade de abstenção dos prazeres – como também se percebe na literatura agônica de Bernanos. Assim, a virtude é um hábito.

Há uma advertência do filósofo:

Porém, o homem que se entrega a todos os prazeres e não se abstém de qualquer deles torna-se concupiscente, enquanto o homem que evita todos os prazeres, como acontecem com os rústicos, torna-se de certo modo insensível; a moderação e a coragem, portanto, são destruídas pela deficiência e pelo excesso, e preservadas pelo meio-termo (ARISTÓTELES, 1996, p.139).

Por outro lado, Bernanos dizia-se convicto que:

Muitos homens não empenham nunca o seu ser, a sua sinceridade profunda. Vivem à superfície deles mesmos: e o solo humano é tão rico que essa leve camada superficial basta para uma fraca colheita, que lhes dá ilusão dum destino autêntico. Diz-se com pavor que homens sem número nascem e morrem, sem se terem uma única vez servido da sua alma, servido realmente da sua alma, nem que fosse para ofender a Deus... A condenação não será a de descobrir muito tarde, demasiado tarde, depois da morte, uma alma absolutamente inutilizada, ainda dobrada cuidadosamente em quatro e estragada, como certas sedas, por falta de uso (BERNANOS apud LAFRANCE, 1992, p. 28-39, 41).

Sobre o meio-termo e as virtudes, diz ainda Aristóteles:

A excelência moral, então, é uma disposição da alma relacionada com a escolha de ações, disposições esta consiste num meio-termo (o meio-termo relativo a nós) determinado pela razão (a razão graças à qual um homem dotado de discernimento o determinaria). Trata-se de um estado intermediário, porque nas várias formas de deficiência moral há falta ou excesso do que é conveniente tanto nas emoções quando nas ações, enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio-termo. Logo, a respeito do que ela é, ou seja, a definição que expressa a sua essência, a excelência moral é um meio-termo, mas com referência ao que é melhor e conforme ao bem ela é um extremo (ARISTÓTELES, 1996, p. 144-145).

A crise moderna e as dificuldades das pessoas não residem na incapacidade de "encontrar o caminho da felicidade", mas na incapacidade de manter-se no meio-termo das virtudes e direcionar o próprio ser no caminho da felicidade individual. O homem moderno já não suporta pensar, cogitar, o freio de suas ambições viciosas. Seu desejo, sua vontade, seu prazer ocupam lugar privilegiado na alma moderna e qualquer pensamento no sentido do meio-

termo aristotélico já resulta em reações histéricas automáticas contra a própria "auto-castração", que seria uma violação.

A inteligência moderna prefere ceder a esse apelo do apetite de nossa vontade e se fecha a essa possibilidade. No vácuo da ausência do meio-termo e na falta do exercício das virtudes, ganha espaço qualquer disposição de caráter típica dos tempos atuais e que dá vida a mentalidades como o hedonismo, o utilitarismo e o niilismo prático.

Bernanos, em seus romances, mostra que a vida dos seus personagens traduz-se no combate entre as virtudes, que definem o sentido de suas existências, e os vícios, que neles operam destrutivamente, dissipa-se em trevas de caminhos espirais que não levam a parte alguma. É sempre a luta entre Natureza e Graça.

O padre anônimo do *Diário de um Pároco de Aldeia* diz:

[...] Julgar-nos pelo que chamamos de nossos atos é, talvez, tão inútil como julgar-nos pelos nossos sonhos. Entre essa multidão de coisas obscuras, Deus faz a escolha, segundo sua justiça, e aquela que se eleva para o Pai, no gesto de ofertório, ilumina-se, de súbito, resplandece com o sol (BERNANOS, 2011, p. 87).

O desmunido padre de Bernanos em o *Diário de um Padre de Aldeia* é facilmente acusado do pecado de orgulho.

O hábito adquirido no seminário de receber dos superiores, à guisa de esmola, o pão cotidiano ou o prato de feijão, faz de nós, até a morte, uns escolares uns meninos. Eu ignorava absolutamente o meu valor social, como você, certamente ainda ignora o seu (BERNANOS, 2011, p. 74).

Acrescenta ainda:

O orgulho sacerdotal, mas um orgulho despido de todo caráter sobrenatural, transformado em sua quase estupidez. Como estamos desarmados perante os homens, perante a vida! Que absurda ciancice! (BERNANOS, 2011, p. 74).

A fé, esperança e caridade são virtudes que podem existir em todo ser humano, mas que vêm diretamente de Deus e todas envolvem elementos de risco. Bernanos escreveu: "A forma mais eminente de esperança é o triunfo

sobre o desespero; esperar é correr o risco. É, de fato, o risco dos riscos” (BERNANOS apud RAVAZI, 2010).

3.6.1 A fé como fonte inesgotável de consolo

Nos romances *Sob o Sol de Satã* e *Diário de um Pároco de Aldeia*, Bernanos sugere que os fracassos dos homens de fé não podem ser entendidos como sintomas da ausência do sagrado na ordem contemporânea do mundo. Paradoxalmente, o mistério da santidade precisa de fracassos. Em *Sob o Sol de Satã*, o Padre Menou-Segraix diz a Donissan:

A Santidade! – exclamou o velho padre com voz profunda – pronunciando esta palavra para si somente, sei o mal que lhe faço! Não ignora o que ela é: uma vocação, um convite. Para atingi-la é preciso subir ou perder-se. Não espere nenhum socorro humano (BERNANOS, 2010, p. 103-104).

A vontade de Deus, aquilo que atinge os seres livres e tece as coisas do mundo, convida o ser, por amor, a coincidir suas vontades à inexorabilidade da transcendência.

A santidade! [...] Para chegar lá, de onde Deus nos chama, é preciso subir, subir [...] Sentia-se chamado. Subir ou perder-se! Estava realmente perdido. A certeza da sua incapacidade em atingir tal destino bloqueava-lhe a prece nos lábios. A vontade de Deus sobre a sua pobre alma atormentava-o como uma fadiga sobre-humana (BERNANOS, 2010, p. 113).

Os padres, nos romances de Bernanos, expressam a fé como se fosse uma fonte inesgotável de consolo, mas que não se torna insensíveis aos baques desta vida. Ela é antes uma coroa de espinhos, que torna participantes da santíssima agonia – e isso, seguidamente contra a nossa vontade! A fé é, portanto, agônica, luta, fome e sede, finitude que anseia pela graça de Deus.

Mas que poderiam valer nossas possibilidades, a nós, que aceitamos, uma vez para sempre, a terrível presença; a presença de Deus em cada instante de nossa pobre vida? Sob pena de perder a fé – e que lhe restará, então, visto que não pode perdê-la sem negar a si mesmo? – um padre jamais poderia ter de seus próprios interesses a clara visão tão direta – gostaria de dizer tão ingênua, tão simples – dos filhos do século. Calcular nossas possibilidades, para quê? Não se joga contra Deus” (BERNANOS, 2011, p. 11).

Com a autoridade de quem ama intensamente o gênero humano, é que Bernanos em o *Diário de um Pároco da Aldeia* concede a um jovem vigário, hesitante, doente e frágil, mas revestido com a força do amor, o dom da palavra e o espírito santificado da humildade.

[...] a pureza não te é prescrita como um castigo; é uma das condições misteriosas mais evidentes – a experiência o atesta – do conhecimento sobrenatural de si mesmo, do conhecimento de ti mesmo em Deus, que se chama fé? A impureza não destrói esse conhecimento; apenas aniquila a necessidade (BERNANOS, 2011, p. 121).

A fé no autor, através de seu narrador anônimo, é uma realidade imponderável. Isso porque sentia-se possuído pelo espírito de Cristo, vinculado a uma experiência pessoal – a palavra do Senhor. É uma fé que não se baseia num sistema ou lógica racional, mas um impulso, uma síntese e mandamento de amor. O que envolve os personagens do autor, nesse jogo dialético, é uma potência de destruição que atinge a todos seres pecadores. Somente a fé pode, de alguma maneira, possibilitar conhecimento de si mesmo e, de alguma maneira, assegura a esperança.

3.6.2 A esperança: a incessante luta contra a mediocridade

Na filosofia moderna, as injunções dos pensamentos, a busca pela racionalidade e a supremacia da razão levam os indivíduos a decretar a morte de Deus, como é o caso do niilismo de Nietzsche. É a doutrina do nada além da vida miserável. Esse sistema mata toda a esperança. Como esperar algo se nada há o que se esperar? Bernanos produz uma frase sobre a esperança que adverte seus leitores:

A esperança é um risco que se precisa correr. A esperança se adquire. Chega-se a esperança através da verdade, pagando o preço de repetidos esforços e de uma longa paciência. Para encontrar a esperança é necessário ir além do desespero. Quando chegamos ao fim da noite, encontramos a aurora. (<<http://www.editora-opcao.com.br/FrasesEscr-Esp.htm>>. Acesso em: ago. 2013).

Nos romances *Sob o Sol de Satã* e *Diário de um Pároco de Aldeia*, o autor explora a batalha espiritual do bem contra o mal, especialmente por meio da personagem de um padre católico que luta para a salvação das almas de seus paroquianos. Os conflitos do Padre Donissan, de *Sob o Sol de Satã*, tentam encontrar um propósito para sua existência e alguma esperança de um mundo que não esteja irremediavelmente destruído, de que o mal não seja nossa essência mais fundamental. Enquanto ele se considera indigno ou incapaz para o sacerdócio por conta de suas dúvidas, muitos fiéis o veem como um santo e seu tutor se espanta pela forma como consegue cativá-los sem sequer se esforçar para tal.

Meu filho, mostro-me às vezes tal como sou. Pobres das almas que vêm à mais pobre do que elas!...Existem provas tais que não ousou revelar a ninguém, com receio de que a incompreensível indulgência humana faça de minhas misérias uma glória a mais... Tenho muita necessidade de preces e só louvores me dão!... Ah! Eles não querem ser desiludidos (BERNANOS, 2010, p. 115).

A dúvida do Padre Donissan sobre sua própria vocação e da possibilidade de que ele faça alguma diferença num mundo que ele vê mergulhado no mal, mas que, em momento algum busca qualquer espécie de transcendência de si mesmo. O seu discurso oscila entre o pessimismo profundo e a graça redentora e se vê à voltas com suas questões sobre o sentido da vida e a possibilidade de fazer alguma diferença, torna-se a ressurreição o único milagre possível. Um corpo que volta a vida não pode significar senão um milagre, o que é desejado por Donissan. O padre morre, dentro do confessionário, insinuando o quão traiçoeiro pode ser ver os outros como nós mesmos. Resta então ouvir, como esses outros veem a si mesmos, na esperança de que alguma comunicação se torne, algum dia, possível.

O *Diário de um Pároco de Aldeia* imprime uma esperança trágica ao destino da alma humana. Denuncia como o cristianismo está sendo transformado em rotina no mundo moderno, retrata a morte simbólica desse mundo tendo como mote a conformidade e a inconformidade, o paradoxo entre espiritualismo e pragmatismo.

O sacerdote do *Diário de um Pároco de Aldeia* centra a sua vida na salvação do outro, no pastorear o seu rebanho paroquial, e a sua salvação

pessoal é uma preocupação indireta e derivada do seu objetivo primeiro. A consciência de si do jovem sacerdote é então moldada por esta opção. Ele é um agente de Deus no mundo com a finalidade de salvar aqueles que estão nesse mundo. O padre luta contra diversos e hostis demônios, encontrados em si mesmo, em sua turma de catequese e nos demais paroquianos, fossem eles ricos ou pobres: o mal, o desamor, a tristeza, o desentendimento, a angústia, o pecado e, sobretudo, a desesperança. Como o próprio narrador registra:

O pecado contra a esperança é o mais mortal de todos, e talvez o mais facilmente acolhido, mais acariciado. É preciso muito tempo para reconhecê-lo, e a tristeza que o precede e o anuncia é tão doce! (BERNANOS, 2011, p. 107).

Em o *Diário de um Pároco de Aldeia*, Bernanos previne o leitor que se deve buscar na esperança sempre o aspecto “bom” da realidade, mas sem ingenuidade. A lucidez da esperança não oculta os momentos difíceis nem as contradições da vida, mas percebe no meio das trevas a iluminação da fé. O personagem Doutor Laville, do *Diário de um Pároco de Aldeia*, em conversa com o Padre de Ambriancourt, após diagnosticar sua doença, faz o seguinte comentário:

Seus teólogos fizeram da esperança uma virtude, esperança de mãos postas, não é isto? Seja! Mas não há uma pessoa que tenha visto esta divindade de muito perto. A esperança é um animal, eu lhe digo, um animal que está dentro do homem, um terrível e feroz animal. É melhor deixá-la extinguir-se, lentamente. Ou então, não mexa com ela. Se o senhor mexer, ela aranha, morde (BERNANOS, 2011, p. 259).

Ou seja, seguindo essa perspectiva, deve-se evitar tanto o otimismo ingênuo como o pessimismo desesperançado e, mais ainda, buscar sempre um olhar autenticamente realista. Emmanuel Mounier, ao analisar os romances de Bernanos, escreve que:

uma indiferença soberana compraz-se a enlaçar os destinos das personagens contra toda lei e toda lógica, até o ponto de fazer reflorir a esperança num coração por meio de um coração que perdeu a esperança. A subjugação mútua do salvador e do salvado ocorreria até um ponto em que ela se desfaria, em uma reciprocidade de auxílios em que se dissolve a relação credor devedor. A trama subterrânea em que nossos nomes são inscritos em encadeamentos desconhecidos e cumplicidades irrefletidas seriam em última instância

uma trama sagrada, trama da salvação cujo final, se o soubéssemos, implicaria a perda da própria fé (MOUNIER, 1972, p. 147-8).

Mounier (1972, p. 155), interpretando o autor, diz que, apesar da permanente tentação, da presença do Diabo, a esperança é edificada na oração e na vida espiritual, visto que “a ambivalência luciferina é uma ambivalência de armadilha e de malícia”. De fato, essa armadilha citada por Mounier se confirma no escárnio do demônio de *Sob o Sol de Satã*, que a todo momento ironiza o protagonista Donissan, numa permanente postura de riso e deboche. É uma tática que o Diabo utiliza – para lidar com sua própria fraqueza de “anjo perdido” – no jogo ambíguo que intenta confundir e enganar o pobre padre, o homem espiritual. Por isso que, em meio ao escárnio e à mediocridade, há esperança: a Palavra de Deus!

No sofrimento do vacilante Donissan entende-se que a “Palavra” é um grito que serve para tocar o coração das pessoas. É o apelo desesperado do escritor de uma fraternidade dirigida ao irmão que um espírito perverso torna cego. É uma tentativa de compreensão, que é somente possível, às vezes, pela via da fraternidade e da caridade, no esforço de amar.

3.6.3 A caridade como fonte misteriosa do amor de Cristo

Em I Coríntios 13, o apóstolo Paulo, escritor de textos sagrados, inspirador de Bernanos desde seu catecismo em Artois, discorre sobre a suprema excelência da caridade, que é o amor ao próximo, desejar fazer todo o bem possível, praticar obras de misericórdia, respeitando direitos de justiça e ajudando nas necessidades espirituais do outro. Paulo afirma que a caridade compele, assim como torna-se complemento da lei da justiça enquanto princípio moral de reciprocidade, pois quando o amor de Cristo se apodera de uma pessoa, produz um insaciável desejo de trabalhar pelo próximo. O pregador diz: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três, mas a maior destas é a caridade” (I CORÍNTIOS 13, 13).

A caridade, na primeira e mais fundamental acepção do termo, é uma perspectiva de vida inaugurada por Jesus Cristo como fonte misteriosa da vida. Com a noção de caridade, segundo o apóstolo Paulo, Cristo traz um elemento novo para a resolução do problema da conquista do amor. Assim, sendo uma

ação, a caridade está sempre ao alcance direto dos indivíduos, o que depende somente destes. Dessa forma, a força final e unificadora que por fim decide a conduta de um ser humano é o mistério do amor de Deus.

Para Bernanos, “a caridade, como a razão, é um dos elementos da consciência”. Mas, essa consciência nem sempre é compreendida, como atesta o Padre de Torcy, em o *Diário de um Pároco de Aldeia*:

Essa ideia tão simples de que o trabalho não é uma mercadoria, sujeita à lei da oferta e da procura, que não se pode especular com salários, com a vida dos homens, como se faz com o trigo, o açúcar ou o café, transtornava as consciências acredita? Por tê-la explicado do púlpito a meus paroquianos, acusaram-me de socialista, e os camponeses “bem pensantes” conseguiram que, por castigo, eu fosse transferido para Montreuil (BERNANOS, 2011, p. 59).

O Padre de Torcy prossegue:

A piedade, como se vê, é um animal. Um animal que pode pedir muito, mas não tudo. O melhor cão pode ficar danado. A piedade é poderosa, é voraz. Não sei por que sempre a representam um pouco chorosa, um pouco idiota. Uma das mais fortes paixões do homem, eis o que ela é (BERNANOS, 2011, p. 60).

A Igreja é depositária do Cristo “que veio à Terra pregar pobreza aos pobres”. Cristo “convida-nos”, pois, como escreve Bernanos: “a olharmo-nos na pobreza como num espelho, porque ela é a imagem de nossa decepção fundamental, o lugar do Paraíso Perdido, o vazio de nossos corações e das nossas mãos” (BERNANOS, 2011, p.64). Este vazio só pode ser preenchido pelo mistério do amor de Deus que, nesse instante, é a cruz, a caridade.

A relação de quem dá e quem recebe é uma relação de igualdade, mutuamente agradecida através de Deus. A caridade não pode se confundir com esmola. A sede e fome de justiça dos que seguem a Cristo, o justo, não pode deixar de buscar, como ensina a doutrina social da Igreja, a redenção da sociedade humana e que, segundo Bernanos, é:

Um problema insolúvel restabelecer os direitos do pobre, sem estabelecê-lo no poder. [...] muitos vivem da imbecilidade alheia, de sua vaidade, de seus vícios. Mas o pobre, o pobre vive da caridade: palavra sublime! (BERNANOS, 2011, p. 93).

Em Bernanos, “o pobre” está intimamente relacionado “à redenção dos santos” quando esses se sacrificam em benefícios dos outros, seus irmãos: agonia e renúncia à alegria, que se conjugam num único e mesmo mistério, o da esperança - talvez tenha sido essa sua utopia que vislumbrou encontrar no “paraíso tropical”.

No entanto, alerta Bernanos, deve-se estar consciente que a opção bíblica não é pela pobreza em si, mas sim pelos *pobres*. E, como dizia Jesus, “os pobres sempre tereis convosco”. Comenta o protagonista de *Diário de um Pároco de Aldeia*: “Haverá sempre pobres entre vós, pela mesma razão porque haverá sempre ricos, isto é, homens ávidos e duros, que procuram menos as posses do que o poder.” (BERNANOS, 2011, p. 64). Assim, a verdadeira escolha de Cristo e do cristão não é tanto pela pobreza, entendida como um sujeito social negativo, causa de abjeção da dignidade humana, mas sim pelo pobre que deve ser libertado desse status de humilhação.

O mundo burguês apregoa o discurso da liberdade, mas a lógica reinante está presente na acumulação de posses e de poder político, quando se esquece de uma verdade – formulada nos primórdios do cristianismo pelo apóstolo Paulo – que Bernanos considera essencial: só é verdadeiramente livre quem não tem nada a perder, porque já se desprende de tudo, despojou-se de tudo, e por isso, está *livre em relação a todos* (I Cor. 9, 19): dele pode-se dizer de verdade que deixou a morte “atrás de si”, pois todo o seu bem passou a estar somente em Deus.

Deus é a *Pobreza Absoluta*, n’Ele não existe qualquer indício de ter, de posse. E o Espírito Santo é o próprio dinamismo desta pobreza. Deus é o mais pobre de todos os seres. Deus é rico, mas rico em amor e não em haver. Porque ser rico em amor e ser pobre, é exatamente a mesma coisa. Deus é um infinito de pobreza. A propriedade é mesmo o contrário de Deus, pois o ideal seria a edificação, não de um sistema político-ideológico, mas de uma comunidade de destino ou comunhão espiritual indispensável à humanização de indivíduos desesperados e solitários.

Não existiram sempre ricos e pobres. Esta divisão não é natural, e muito menos desejada por Deus, mas foi resultado da exploração de um pelo outro. Deus teria criado os seres humanos com a capacidade de escolher o que é melhor para si próprio e para os seus. Se o ser humano usa esta capacidade

para estimular sentimentos de cobiça, egoísmo, prepotência, Deus não teria nada que ver com isso e estaria retirando do ser humano a capacidade de escolha e livre-arbítrio, se de alguma forma resolvesse interferir.

A liberdade consiste também em deixar-se expropriar, porque o despojamento é a verdadeira pobreza. Chega ao ponto em que a liberdade e pobreza significam exatamente a mesma coisa. O sentido da liberdade de um começa com o sentido da liberdade dos outros. Isso significa compromisso, de *estar no mundo* pela via da caridade. Trata-se de uma atitude fundamental que não se confunde com o desenraizamento. Ter as duas raízes, algures, faz parte da vida, do gosto de viver.

3.7 Liberdade e o livre arbítrio como uso responsável da vontade

Muitas vezes a expressão livre arbítrio tem o mesmo significado que a palavra liberdade. No entanto, Santo Agostinho, em sua obra *De Libero Arbitrio*¹⁵ escrita no ano 395 depois de Cristo, diferenciou claramente esses dois conceitos. O livre arbítrio é a possibilidade de escolher entre isso e aquilo, escolher ou não escolher; enquanto que a liberdade é o bom uso do livre arbítrio, ela só pode ser direcionada para o bem, caso contrário se aniquila. Isso significa que nem sempre o homem é livre quando põe em uso o livre arbítrio, pois depende sempre de como usa essa característica. Assim, o livre arbítrio está mais relacionado com a vontade. Porém, uma distinção entre os dois é que a vontade é um ato ou ação, enquanto que o livre arbítrio é uma faculdade.

Em filosofia, liberdade designa, de uma maneira negativa, a ausência de submissão, de servidão e de determinação, isto é, ela qualifica a independência do ser humano. De maneira positiva, liberdade é a autonomia e a espontaneidade de um sujeito racional. Isto é, ela qualifica e constitui a condição dos comportamentos humanos voluntários.

Numa perspectiva paulina pode-se dizer que a

Liberdade consiste em permanecer aberto e disponível para escolher o que há de melhor, de mais conveniente em cada circunstância. O

¹⁵ AGOSTINHO. **O livre arbítrio**. Tradução de Nair A. Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995 (Série Patristica, 8.).

Espírito torna a pessoa apta para uma verdadeira opção e suprime a necessidade de buscar sempre a própria vantagem ou a própria segurança. (COMBLIN, 1978, p. 65).

A partir das reflexões acima, compreende-se que a liberdade não é poder escolher ou optar entre isto e aquilo. Isso é o livre arbítrio, que não existe em Deus, pois Deus não pode optar pela injustiça ou o ódio, mas os indivíduos constroem a sua liberdade, através de escolhas. A Bíblia (MATEUS 4: 1-2) diz que Jesus também teve que escolher, foi tentado. A tentação foi, conforme a Bíblia, permanente na vida de Jesus, mas que soube dominar o livre arbítrio. Mas, isso não acontece com Donissan, o padre protagonista do *Sob o Sol de Satã*, também tentado. Vejamos:

Entretanto, no âmago dessa alegria alguma coisa subsiste ainda que o êxtase não consiga desfazer. Incomoda-o, irrita-o, esse derradeiro laço que não ousa romper... Quebrado esse laço, para onde a vaga o arrastará?... Por vezes, esse laço se afrouxa e como um navio que vai à garra, Donissan sente-se profundamente abalado... Será só um laço, um obstáculo a vencer?... Não; o que resiste não é uma força cega. É qualquer coisa inteligente que observa, calcula, luta para se impor... Essa coisa misteriosa não será ele mesmo, a sua própria pessoa? Não será a consciência entorpecida que lentamente desperta?... A expansão da alegria atingiu (de acordo com a extraordinária palavra do apóstolo) a fragmentação da alma e do espírito. Não é possível ir mais longe sem morrer (BERNANOS, 2010, p. 117).

Para Bernanos, a liberdade é o dom mais misterioso dos concedidos por Deus, indispensável para que o homem seja verdadeiramente homem. É a realização mesma da vida humana, criada à imagem e semelhança de Deus. A liberdade é a afirmação do ser humano, pois vive-se, mas não se vê. Nessa perspectiva, não há no mundo objetivo senão situações e coisas dadas que se cumprem. Por isso, não é possível instalar nele a liberdade num dimensão plena. Assim, a necessidade da *responsabilidade* vai estar sempre presente em contraposição a uma frouxidão moral. Por isso, o livre-arbítrio adquire centralidade, na concepção de mundo do escritor.

Em seus romances, Bernanos narra algumas das mais angustiantes dúvidas humanas; a existência de Deus, o sentido do sofrimento, a consciência do mal, o livre arbítrio. E a crença do romancista no livre arbítrio o instiga – através de seus agônicos personagens – a tratar da responsabilidade do homem pela sua salvação, por meio da purificação constante da alma. A

expressão “tudo é graça” se encontra na última página do *Diário de um Pároco de Aldeia*. Esse desfecho do romance visa afirmar a necessidade e a liberdade da ação da graça, que muitas vezes acabam por espalhar ideias que desviam as pessoas de seu caminho e as confundem.

Bernanos instiga o seu leitor a pensar que o ser humano foi criado para perfeição e para a imortalidade. Esta é uma verdade incontestável e um artigo de fé. No entanto, os indivíduos são mortais, vulneráveis e imperfeitos em razão da queda original, os quais assumem sua liberdade (livre-arbítrio) mal administrada. No entanto, o verbo de Deus se fez carne para livrar a carne de todo o pecado (pela graça) e da morte (pela ressurreição).

O ser humano, na lida da vida, é um ser conflituoso, em permanente luta contra as tentações de Satã. Assim, ao retratar a figura de um padre povoado pelo medo e angústia, o autor vincula a mediocridade ao satanismo, o que exige do ser humano cristão o aguçamento do exercício de sua liberdade e do livre arbítrio; contra “uma liberdade da indiferença: liberdade de nada ser, de nada desejar, de nada fazer; não só indeterminismo como indeterminação total” (MOUNIER, 2004, p. 126).

Na visão bernanosiana, a voz interior, *orientada* por Cristo, é primordial para se dizer qual a coisa certa a ser feita, sendo fiel a si mesma. E ser fiel a mim mesmo significa ser fiel à própria originalidade – e isso é uma coisa que somente o indivíduo pode articular e descobrir. Ao articular isso, o indivíduo também se define, realizando sua própria potencialidade. Esse é o pano de fundo que confere força moral ao ser vocacionado, que cumpre um chamamento divino.

A oração possibilita esse contato com os próprios sentimentos morais, orientando como agir corretamente, apesar da permanente tentação do demônio. O paradoxo é que a existência, para se tornar *livre*, jamais absoluta, necessita de experiência, de qualidade renovada, de permanente auto-invenção, que lhe é proposta como um *dom*. Por isso, a liberdade não pode ser manifestação espontânea, depende de exercício e contemplação, simultaneamente, sendo o conflito constitutivo ao ser existencial. Enfim, pode aceita-la ou recusá-la, numa forma de livre-arbítrio.

4 CONFLITO E RESOLUÇÃO

O quarto e último capítulo busca estabelecer uma síntese de questões tratadas em tópicos anteriores, tendo como base de análise o ser humano como ser de conflito. Mais uma vez as aporias do mundo agônico são retomadas, principalmente a dialética entre o bem e o mal, velamento e desvelamento, conflito entre carne e espírito, tragédia e esperança, crença e salvação. Aqui a liberdade pressupõe a obrigação da escolha, baseada na esperança. Não é um mundo *abstrato* que Bernanos retrata, mas sim o realismo da condição do ser humano que se projeta por tortuosos caminhos, no exercício penoso do *estar no mundo* (ARENDT, 1995).

Sistematiza-se neste capítulo o questionamento de Bernanos quanto aos rumos do mundo moderno, cada vez mais utilitário, pois predomina o racionalismo científico em detrimento de uma existência ética. O capítulo chama a atenção para a premência da fé cristã, tão cara a Bernanos, num mundo onde a desgraça adquire visibilidade na figura do próprio Satã. O conflito é constitutivo e inerente à vida humana.

Por fim, o capítulo discute a importância das Ciências da Religião para o incremento do conhecimento crítico, focada numa perspectiva que possa ir além do racionalismo científico, na busca de uma autenticidade e interpretação da qualidade do comportamento humano e o significado das crenças religiosas. O capítulo busca uma resolução, que, na análise da obra e pessoa de Bernanos, se traduz em esperança, em fé e liberdade, apesar da persistência do mal.

4.1 Ser humano como ser de conflito

Os instigantes romances de Bernanos não são apenas capazes de transformar em símbolos aspectos do real, da vida cotidiana, mas acima de tudo apresentam o que o ser humano como ser de conflito, estreitado entre Deus e Satã, no turbilhão de sua própria luta. Através de seus personagens, principalmente de Mouchette ao Padre Donissan – *Sob o Sol de Satã* – e depois ao Pároco de Ambricourt – *Diário de um Pároco de Aldeia* – exalta-se

assim o fervor primitivo, a persistência do pecado, a natureza agônica do ser humano em contraposição à fé original, em meio ao trágico e ao desespero.

O mundo do pecado está perante o mundo da graça, como uma paisagem perante sua própria imagem refletida em uma água negra e profunda. Há uma comunhão dos santos; há também uma comunhão dos pecadores. No ódio, no desprezo que os pecadores têm uns pelos outros, eles se unem, se abraçam, se misturam, se confundem; e um dia, aos olhos do Eterno, não serão mais que este lago de lama sempre viscoso sobre o qual passa e repassa, em vão, a imensa maré do amor divino, o mar de chamas vivas e rugidoras que fecundou o caos (BERNANOS, 2011, p. 133).

No universo bernanosiano, o drama humano é levado a uma exaltação mística sem amparo a nenhum modelo de catequização, onde a *razão* serve à vida por conta da necessidade de sobrevivência, mas tendo na *intuição*¹⁶ uma possibilidade maior de aproximação do mistério da vida. É certo dizer que Bernanos pensava que não seria leal assumir integralmente sua dimensão cristã em detrimento de sua medida humana, enquanto homem livre – não o calculista – capaz de impor a si mesmo sua disciplina, sem recebê-la cegamente de ninguém.

No entanto, os ideais contemplativos da virtude cristã em Bernanos orientam-se na noção de *ser humano como ser de conflito*, sem pretender demonstrar racionalidades que sustentam crenças através de uma teologia. Preferiu o exercício da intuição, pela via literária. Talvez por isso resistiu assumir o tomismo – tão caro a Maritain – procurando afirmar através de seus personagens literários que a fonte de conhecimento é o contato iluminado e também agônico com o divino, pela via da fé.

É sabido que Bernanos jamais negou o respeito que teve pela obra filosófica de Maritain, seu amigo desde a juventude na *Action Française* (Cunha, 1968), mas, ao contrário deste, que indica o caminho da compreensão para uma vida moral, digna e virtuosa – em conformidade com a doutrina de

¹⁶ Pedro Octavio Carneiro da Cunha registrou em seu Diário que, em 5 de fevereiro de 1945, no Rio de Janeiro, num restaurante, perguntou a Bernanos se, quando escreveu *Sob o Sol de Satã*, tinha lido sobre teologia ou demonologia. O escritor respondera da seguinte maneira: “- Não, nada, nunca li. Quando saiu *Sous le soleil*, Maritain queria que eu estudasse um pouco de teologia. Mas eu disse não, compreendi logo que devia guardar a minha intuição, boa ou má, isenta de qualquer influência.” (CUNHA, 1968, p. 203).

São Tomás de Aquino¹⁷ – Bernanos não se interessa caminhar pela via do racionalismo e da democracia política. Prefere manter-se centrado no drama do “ser humano como ser de conflito”.

[...] o ódio; mas o ódio sempre acende uma chama no olhar humano; o horror! Mas o horror é passivo e nenhum grito de angústia ou de pesar teria afastado os dentes cerrados sobre uma resolução feroz. O vão desejo de saber não tem também essa dignidade soberana (BERNANOS, 2010, p. 150).

Para o escritor nômade, o que importa é que o cristianismo extrai as forças do ser humano, queimando-lhe as impurezas: “O que tinha importância para Bernanos, sempre, era o homem, a quem considerava sagrado porque Cristo se fez homem [...]. Em todas as ordens da sua existência via o homem como criatura redimida e, ao mesmo tempo, como um co-redentor” (GORDAN, 1968, p. 162). Nesse sentido, pode-se afirmar que trata-se de uma visão de mundo não dogmática, experimental, tolerante e pluralista, apesar da ênfase no conservadorismo.

O modo de pensar bernanosiano lhe dá um sabor arcaico, isso porque, para o romancista, a burguesia conseguiu inculcar no povo seu veneno: a mediocridade.

Mediocridade que constitui a mais perfeita representação do mal moeda, indubitável da civilização moderna, os valores humanos estabelecidos mutilados e deslocados, a intervenção proposta sob medida para a humanidade desprovida de qualquer noção de espiritualidade¹⁸ (GARCÍA, 2008, p. 45).

Em Bernanos, o ser humano conflituoso tem a chance idealizada de se redimir na figura encarnada do cavaleiro cristão medieval, ou sob a figura de Joana d’Arc (1412-1431), heroína francesa de “caráter ímpar na história da

¹⁷ Pelos estudos realizados podemos considerar que a grande contribuição de São Tomás de Aquino foi unir os princípios filosóficos de Aristóteles com os preceitos da teologia cristã numa estrutura racional, isenta de fantasias pessoais. Nessa perspectiva tomista, nem Deus seria destituído de sua condição de criador onipresente, nem a razão ¹⁷humana seria desconsiderada de sua de conhecer a verdade no mundo sensível a ela. Assim, Tomás de Aquino defendia as verdades da fé e as do mundo natural como complementares e compatíveis, mantendo um delicado equilíbrio entre a razão e a fé (GEFFRÉ, 2004).

¹⁸ Mediocridad que se constituye en la más perfecta representación del Mal, indudable divisa de la civilización moderna, conjunto de valores humanos mutilados y desplazados, establecidos a la medida de una humanidad carente ya de toda noción de espiritualidad (GARCÍA, 2008, p. 45).

santidade” (CUNHA, 1968, p. 197). E, por fim, na busca do significado profundo da Sagrada Escritura. Por isso, a opção por uma vida vocacionada, de preferência no meio rural, exigindo para si mesmo e para os seus um ambiente de rigorosa simplicidade. “Fugia da sociedade, mas não dos homens.” (HARGREAVES, 1968, p. 40).

Entende-se que, para Bernanos, o ser humano não pode ser entendido como *sujeito abstrato*, como sendo um *objeto científico de análise*, e sim um ente que precisa ser percebido em sua espiritualidade, possuidor de um sentimento único, de que não se pode participar internamente, mas que se pode observar de fora esse corpo, examinar suas disposições, manifestações e formas, através de palavras. Aí o que importa é a busca das qualidades individuais, contra um nivelamento dos membros da sociedade. Assim, o ser humano, notadamente o indivíduo pobre, vale enquanto particularidade, enquanto aquilo que só ele é capaz e que o distingue de todos os outros – talvez seja por isso que o escritor se impressionou tanto com o *homem simples* do sertão mineiro, durante sua passagem por Pirapora e Barbacena.

Assim, pode-se dizer que a ficção intuitiva de Bernanos busca dar conta de um universo humano conflituoso, agônico, de modo a demonstrar que a singularidade pessoal de existir é a mais sofisticada forma de existência, num movimento de personalização, não sendo as realidades impessoais ou despersonalizadas. O ser humano acima de tudo é um ser errante na terra, em estado permanente de conflito consigo mesmo e com o mundo. Se há uma saída, esse caminho é a simplicidade do viver, uma vez que ele é um ponto cego para si mesmo.

[...] essa gente não odeia a sua simplicidade, defende-se dela: sua simplicidade é como um fogo que queima. O senhor passeia pelo mundo com seu pobre sorriso humilde que pede perdão, carregando uma tocha acesa, que toma, ao que parece, por um cajado de pastor. Nove vezes em dez arrancá-lo-ão de suas mãos e o pisarão (BERNANOS, 2011, p. 177).

Nessa perspectiva de interpretação da literatura bernanosiana pode-se entender que o ser humano primordial é um *animal errante*, que não cessa de tatear-se a vida inteira, sem lugar predeterminado, com sentidos agudos e temerosos em disputa constante contra a natureza hostil. Como interpreta

Mounier, “a vida pessoal começa com a capacidade de romper contatos com o meio, de *ripostar*, de *recuperar*, para, através de uma unificação tentada, se constituir uma só.” (MOUNIER, 2004, p. 94).

No entanto, raízes são criadas no solo que se cultiva, pois a alma humana descobre uma alma na paisagem. Há aí uma relação dialética, onde a hostilidade dá lugar a um novo modo de sentir, numa profunda relação entre o semear e o cultivar. Ou seja, quando se sabe *onde* e *como* se encontra na paisagem, é que se experimenta a existência em seus significados. O lugar possibilita estabelecer relações de orientação, identificação e de pertencimento.

[...] Dissolve-se o horizonte; aos últimos raios do sol, uma grande nuvem branca, cor de marfim, paira no céu crepuscular e do zênite ao solo: a solidão imensa, gelada, cheia dum silêncio líquido... É a hora do poeta que destilava a vida em seu coração para extrair-lhe a essência secreta, perfumada, envenenada. O turbilhão humano com mil braços e mil bocas já se agita na sombra; o bulevar ferve e deslumbra... e ele, recostado à mesa de mármore, olha a noite subir, como um lírio (BERNANOS, 2010, p. 13).

O ser humano está na terra como mortal, mas, concomitantemente, o homem agônico espiritualiza-se, podendo se libertar das contingências que a modernidade lhe impõe com mais severidade, não pela via da mera racionalidade, mas pela força do espírito. A resolução, portanto, não está no “o quê” da essência a ser descoberta, mas sim no ato despojado do conhecimento intuito distanciador, que só o cultivar e a lida do simples viver possibilitam. O ser humano emerge da inibição existencial e adquire singular transparência ante a consciência atormentada, como ser de conflito.

4.2 A liberdade na condição de fonte viva do ser errante

Em Bernanos, através de sua literatura e de sua própria personalidade, evidencia-se que a liberdade moderna passou a ser almejada por conta de fuga dos antigos horizontes morais, abrindo cada vez mais espaço cotidiano, nos pequenos acontecimentos, ao exercício do individualismo utilitário. A consequência disso – nefasta na concepção do escritor francês – é que os indivíduos não são mais orientados às demandas de ordens sagradas que os

transcendem. Para ele, isso compromete a nossa compreensão do mundo de nós mesmos, desorientando os nossos atos, como aborda, intuitivamente, através de seu narrador anônimo.

Quão pouco conhecemos do que é de fato, uma vida humana! A nossa vida. Julgar-nos pelo que chamamos de nossos atos é, talvez, tão inútil como julgar-nos pelos nossos sonhos. Entre essa multidão de coisas obscuras, Deus faz a escolha, segundo sua justiça, e aquela que se eleva para o Pai, no gesto do ofertório, ilumina-se, de súbito, resplandece como o sol (BERNANOS, 2011, p. 87).

Nesse prisma do autor, o solapamento dos valores da velha ordem compromete a questão fundamental da liberdade, que é a desnaturalização da própria vida, rumo ao racionalismo, à mediocridade, ao mal do dinheiro, ao desperdício e, finalmente, à hipertrofia da máquina. Aqui, o problema consiste que os indivíduos modernos se *estabelecem* na cultura da sobrevivência, na busca de segurança e proteção, e, por conta disso, a perda da consciência de sua liberdade pautada no exame penoso da fé e da religiosidade.

A liberdade é inerente ao cristianismo, uma vez que, como diz São Paulo, “cristo nos libertou para que fossemos livres [...]”. Embora o apóstolo fale da liberdade interior, essa repercute em âmbito social. Assim, em Bernanos (2010, p. 156), a única condição da liberdade no ser humano é o liberta-se permanentemente: “que me importa conhecer-me? O exame pessoal, sem outra luz, basta a um pobre pecador”.

O espírito humano, como se quisesse voar, modifica incessantemente sua forma, age das mais variadas maneiras, passa da negação à afirmação, sem conseguir nunca erguer do solo (BERNANOS, 2010, p. 311).

Portanto, em Bernanos, o exercício da liberdade consiste em voltar a ser *libertação*, que fora perdida com o rompimento dos vínculos tradicionais, recolhendo-se à “natureza finita” do ser humano. Isso implica a aprendizagem da verdadeira paciência, sem a conquista pela força da avareza e cobiça. Daí ser fundamental comungar com a terra e seus habitantes, principalmente com o pobre – e não como fenômeno da pobreza em sua dimensão política-sociológica – que o escritor errante encontrou em terras do interior brasileiro,

nos anos 1938 a 1945, como experimentara durante sua juventude nas comunas de Artois, o que representaria uma volta às origens.

Aliada a essa nostalgia típica de seu universo literário e histórico/pessoal, percebe-se na literatura de Bernanos – quando se tenta interpretar a questão da liberdade – a presença de um sofrimento ante a finitude humana, exatamente porque o ser humano precisa a todo momento ter que fazer opções. A liberdade só progride mediante obstáculos e sacrifícios, por ser promessa e iniciativa de *libertação*. A liberdade não é somente manifestação espontânea, mas antes dirigida, ou melhor, invocada. Poder inventar possibilidades inexploradas. Por isso que Mounier (2004, p. 133), ao se solidarizar com Bernanos, entende que, “só aquele que não vê a sua escravidão é escravo, mesmo quando feliz na sua condição”.

Portanto, a liberdade em Bernanos é uma liberdade condicionada pelo tempo e espaço, que torna-se nefasta no homem egoísta, separado do homem da comunidade. Talvez por isso o nômade francês sempre precisou viajar para descobrir suas afinidades, inculcadas desde Artois. E tudo indica que as encontrou em terras brasileiras, de lavradores, onde havia – e ainda há – fome e sede (GOSSELIN, 2005). É o camponês francês que se descobre em terras brasileiras, num dramático exercício de liberdade.

A liberdade em Bernanos, que se observa em sua literatura e na própria trajetória pessoal do escritor, se vincula à noção de autonomia e exercício da autodeterminação no indivíduo autêntico. Ou seja, apenas nos momentos em que o ser humano exerce sua liberdade é que ele passa a ser ele mesmo. Portanto, essa questão está vinculada à noção de *situação*, pois o existir é um transcender na liberdade. Assim, a liberdade se vincula ao querer, a uma busca constante de respostas. E essa busca se dá exatamente porque não há respostas. Como poderia dizer Bernanos: o homem pode ser livre apenas porque não sabe a resposta para as perguntas cruciais.

Para “estar no mundo” (ARENDT, 1995) é preciso que se retire temporariamente – de forma contemplativa – deste mundo, mas sem nunca deixá-lo de todo, porque está incorporado a um corpo, a uma aparência. O espírito humano, orientado pelo dom e pela graça, mas também pela presença constante do mal (representado na figura de Satã), é afetado tanto pelas mudanças no mundo, cuja significação ele examina, quanto por suas próprias

atividades cotidianas, no seio comunitário – contingências de vida que estão presentes nas principais performances dos personagens bernanosianos.

Por fim, o conceito de liberdade, no caso de Bernanos, significa estabelecer distância, abertura livre do espírito, pois somente nessa condição existe a possibilidade de velamento e desvelamento. É preciso disponibilidade, de abertura ao mundo, visto que o homem livre é o ser que interroga e que também responde; é o homem responsável. Isso contribui para que o ser humano possa se distinguir daquilo que o rodeia. Esse distanciamento é o exercício da liberdade. É um movimento partindo do ser humano, que se apossa do mundo e o revela, orientado pela fé.

4.3 A questão fundamental da fé: conflito entre carne e espírito

A noção de liberdade em Bernanos está também vinculada à questão fundamental da fé assimilada do apóstolo Paulo – o primeiro escritor do Novo Testamento – de onde nasce o sistema “evangelho-fé-confiança-Espírito-liberdade-vida”. Assim, em Cristo, pelo Espírito, os indivíduos são livres. A autoridade de Deus não seria externa, mas centrada no Espírito. Por isso que ela situa-se no mais íntimo da personalidade. Nesse sentido, o Espírito não anularia a liberdade, pelo contrário, desperta-a e alimenta-a, através do exercício permanente da fé. “Não se perde a fé – ela deixa de informar a vida, isso sim.” (BERNANOS, 2011, p. 117).

Em São Paulo, fé e confiança unem-se obrigatoriamente, sendo a fé uma aceitação à mensagem de Cristo. Assim, crer é entregar-se, totalmente, donde provém a salvação. Por sua vez, essa mensagem, segundo Paulo, é transmitida pela Igreja, entendida como uma comunidade de fé. Ao crente cabe o sacrifício, proveniente da confiança e de todas suas forças para viver. Então, a fé não é algo que se recebe somente num breve instante, mas deve expressar-se em toda a vida do cristão. Em Paulo, desde o batismo a fé define o ser cristão e a identidade pessoal. Provido de fé esse se relaciona a caridade, busca o conhecimento e confia no testemunho de outro sujeito. É na fé que a inquietação humana encontra-se com Deus, permitindo ao crente maior inteligência com a realidade, num pensar com assentimento. É por meio da contemplação que o significado do todo pode ser revelado. Basta ter fé!

A noção de fé em Bernanos está na origem vinculada a uma dimensão *intuitiva* que ele assimilara desde o seu catecismo, em Artois. É quando ele diz que “recebeu” os pontos fundamentais da fé, através da tradição oral. O monge alemão de origem judaica Paulus Gordan (1968, p. 160), que também foi refugiado de guerra no Brasil, registra que Bernanos “católico de raça e de instinto, sentia-se à vontade na inquebrantável fé que ele bem sabia era a única fonte de seus atos. Fé que nunca deixou de ser verdadeiramente infantil, de uma simplicidade absoluta”.

Inspirado na doutrina do apóstolo Paulo, para Bernanos a fé se situa na dimensão da “revelação”, no âmbito da *graça*, portanto no âmbito da intuição de quem *recebe* os ensinamentos e orientação do Espírito de Deus, que não pode ser atingido pela dúvida: nem o racionalismo nem o modernismo. A ênfase é a interioridade, um imperativo que exige submissão voluntária por parte do ser de fé¹⁹. Além do mais, a fé inspirada no apóstolo Paulo centra-se no Cristo crucificado e ressuscitado, por conseguinte na preocupação com a vida eterna. Dessa forma, a fé é uma realidade forte, possuída pelo Cristo.

Não perdi a fé. A crueldade da prova, sua rapidez fulminante, inexplicável, puderam transformar minha razão, meus nervos, estancar subitamente em mim – para sempre, quem sabe? – O espírito de oração, encher-me de uma resignação tenebrosa, mas terrível que os grandes sobressaltos do desespero, suas quedas imensas; mas a minha fé permanece intacta, eu sinto (BERNANOS, 2011, p. 117).

Em Bernanos, o preço da fé e da liberdade é a obrigação de escolher e assumir responsabilidades, sem procurar o refúgio e a segurança de normas previamente estabelecidas, determinadas por uma autoridade, exatamente para que, em caso de fracassos, esses não sejam atribuídos a essa mesma autoridade. No entanto, o discernimento não está entregue à faculdade humana, pois é o Espírito quem possibilita essa percepção, via oração.

¹⁹ Interpretando a noção de fé e vontade no apóstolo Paulo, a filósofa Hannah Arendt sustenta que “quando se trata de São Paulo, a ênfase muda inteiramente do fazer para o crer, do homem exterior que vive no mundo das aparências (ele mesmo uma aparência entre aparências, sujeito, portanto, à semblância e à ilusão) para uma interioridade que, por definição, jamais se manifesta inequivocamente e que só pode ser examinada por um Deus que também jamais se mostra de maneira inequívoca. Os desígnios desse Deus são impenetráveis.” (ARENDT, 1995, p. 236).

Muito tempo a simplicidade do Santo de Lumbres fez-se lhe duvidar de sua capacidade de orar com o coração e, no entanto, essa era a prece que ele diariamente e todas as horas praticava. Resolveu vencer-se ainda uma vez (BERNANOS, 2010, p. 133).

A fé consiste no homem estar aberto e disponível para escolher e receber o que há de melhor, de mais conveniente em cada situação vivida, o que não se dá de maneira normal e tranquila. Nesse sentido é preciso vocação, dedicação e aprender lidar com o sofrimento. “Ah! Às vezes Deus nos chama com uma voz tão carinhosa e tão doce! Mas quando, de repente, Deus se afasta, o uivo que se eleva da carne decepcionada deve assustar o inferno!” (BERNANOS, 2010, p. 191).

Esta frase literária de Bernanos, claramente de inspiração paulina, traz à tona o conflito que se estabelece entre carne e espírito, visto que o problema central na faculdade da fé é no sentido de que o homem é tanto carnal quanto espiritual. Acontece que a carne está fadada a morrer. E viver de acordo com a carne passa a ser inevitável uma espécie de morte. Assim, o desígnio primordial do espírito não é só governar os desejos e fazer com que a carne obedeça, mas também promover sua modificação, “é os que são de Cristo, crucificaram a sua própria carne com os seus vícios e concupiscências” (GÁLATAS 5, 24). O que na verdade está para além do poder humano.

No autor, a fé adquire uma dimensão absoluta, por ele considerada um puro dom da graça, não fundada “nem numa lógica nem num sistema; era um impulso e síntese, força criadora, dinamismo vital e mandamento de amor” (GORDAN, 1968, p. 161). Nesse sentido, pode-se deduzir que esse entendimento sobre a fé engendrou no nômade escritor uma visão do homem que se enraíza no mistério da Agonia do Senhor, objeto de suas constantes meditações.

A dimensão absoluta da fé está vinculada ao que o autor chama de uma “verdadeira” identidade cristã, no sentido de que a experiência religiosa, espiritual, precisa ter consciência da existência do outro. Nesse sentido, o exercício da fé pressupõe, no encontro consigo mesmo e com Deus, a prática da alteridade, a relação com os demais – especialmente os pobres –, a hospitalidade para com o estrangeiro, mesmo sem a necessidade da reciprocidade.

Nesses termos, como se observa em todo o enredo do *Diário de um Pároco de Aldeia*, o cristianismo de Bernanos é dialogal, por suas próprias origens, não uma totalidade fechada em si mesmo. A fé, que “nele era uma realidade forte”, possibilitou a Bernanos saber lidar com a diferença e, por isso, “pode encarar o fenômeno coletivo do ateísmo moderno, com a mais completa liberdade, sem qualquer sentimento de superioridade.” (GORDAN, 1968, p. 161).

A graça não é mais que o raciocínio justo que solicita a inteligência; a tentação, um apetite carnal que tende a suborná-la. Apenas dão, assim, conta dos episódios mais vulgares do grande combate empenhado dentro de nós. O homem é sempre olhado como fascinado pelo agradável e pelo útil, a consciência guia-lhe a escolha. Isso é bom para o homem abstrato dos livros, esse homem médio que não é encontrado em parte alguma. Tais infantilidades nada explicam. Num tal universo de animais sensíveis e raciocinadores, nada resta para o santo, senão convencê-lo de loucura (BERNANOS, 2010, p. 200).

Imbuído pelo dom da graça, para Bernanos, a fé é a crença no Cristo crucificado e ressuscitado que transcende a racionalidade da abordagem científica ou teológica. Assim, a fé, acima de qualquer julgamento, depende de aproximações inexatas quando algumas novas exatidões de observação tornam-se possíveis, como propõe a positividade da ciência.

4.4 Fé e liberdade no horizonte das Ciências da Religião

Ao pensar na centralidade da fé e liberdade na obra literária de Bernanos, podemos considerar que sua contribuição – involuntária – para o estudo das Ciências da Religião situa-se no campo hermenêutico, na tradição reflexiva que enfatiza a autoconsciência, cujo principal objetivo é mais compreender do que explicar. No entanto, poderíamos afirmar que não se verifica em Bernanos uma racionalidade instruída como empreendimento intelectual. Sua literatura é experimental, longe de ser rígida e dogmática. O autor prefere a metáfora e os símbolos e sempre lança mão de sua intuição em contraposição ao formalismo teológico, conforme lhe propusera Maritain (CUNHA, 1968).

Todavia, como afirma o teólogo Geffré (2004, p. 33) que “todo conhecimento é hoje um conhecimento interpretativo”, a narrativa de Bernanos sobre fé e liberdade possibilita no campo das Ciências da Religião uma reflexão sobre a necessidade de predominância da luta do espírito pluralista em permanente questionamento à eficácia instrumental do racionalismo moderno, visto que, por definição, Deus escapa aos limites da razão.

Mesmo em Bernanos, detecta-se em sua literatura (*Sob o Sol de Satã e Diário de um Pároco de Aldeia*) um processo de raciocínio argumentativo em busca de sinais para atingir um conhecimento de uma verdade, numa ordem narrativa esquemática. O sobrenatural é apresentado a partir de longas sequências de situações dramáticas, apuradas de realidades factuais. A imaginação e a razão lidam o tempo todo com a verdade, com o sentido agônico da vida terrena. Isso exige a visão interpretativa de mundo, embora intuitiva literariamente. É o realismo trágico bernanosiano.

Nesse caso, pode-se afirmar que, nessa perspectiva hermenêutica, a ficção ensina que o essencial poderá ser apreendido em fenômenos por si próprios aparentemente desprovidos de tal significado, nos quais, o essencial, manifesta-se de modo mais completo e abrangente do que se nos aproximássemos das questões essenciais de maneira imediata, em busca de uma grande verdade, como pretende o cientificismo. É como diz Geffré, “em sua própria particularidade, tem um alcance universal.” (GEFFRÉ, 2004, p. 43).

Sem pretender ser pedagógica, a literatura de Bernanos contribui para que as Ciências da Religião – notadamente a pesquisa sobre produção de conhecimento – possam ser assimiladas não apenas como fontes de interpretação teológica sobre a fé e liberdade, mas acima de tudo como possibilidade literária que expressa uma linguagem interpretativa na aporia entre o Bem (Deus) e o Mal (Satã).

A sociedade que não ousasse mais utilizar a injustiça para o bem de poucos estaria condenada a prosseguir na destruição de um mal que traz dentro de si, o qual, reprimido sempre pelas leis, reapareceria quase no mesmo instante entre os costumes sociais, para renovar, em sentido inverso, incansavelmente, o mesmo círculo infernal. Por bem ou por mal, deve, de agora em diante, partilhar a condição do homem, correr a mesma aventura sobrenatural. Outrora indiferente ao bem e ao mal, o mundo apenas conhecia a lei de seu próprio poder: o cristianismo deu-lhe uma alma, uma alma para salvar ou perder (BERNANOS, 2011, p. 49).

Embora o escritor não queira em seus romances prescrever nenhuma receita ideológica ou científica, muito menos teológica, o fato é que a literatura de Bernanos, intuitivamente, chama seus leitores (fiéis) à consciência de suas próprias experiências e temporalidade. Em sua literatura não há um passo-a-passo, um método, com um problema a ser *resolvido*, como geralmente se pretende com a positividade nas Ciências. Assim, a escrita passa a ser uma missão, essencialmente espiritual, e não um problema científico. O voluntarismo está presente na atividade do romancista intuitivo, que recusava admitir-se um *escritor* profissional²⁰. Nele, fica evidente que, quando mais fiéis vivenciam a verdade de suas crenças, mais o drama humano se realça, onde fé e liberdade precisam ser colocadas à prova, a todo instante, numa luta agônica transcendental e ao mesmo tempo cotidiana.

[...] Não crês, porque a crença é um embaraço a teus desejos. [...] A pureza não te é prescrita como um castigo; é uma das condições misteriosas mas evidentes – a experiência o atesta – do conhecimento sobrenatural de ti mesmo, do conhecimento de ti mesmo com Deus, que se chama Fé? A impureza não destrói esse conhecimento; apenas aniquila a sua capacidade. Se não crês mais, é porque não queres crer. Não queres mais conhecer a ti mesmo. Essa profunda verdade, que é a tua e nossa, já não te interessa. E em vão dirás a ti mesmo que os dogmas que, ainda ontem, obtinham tua adesão, estão sempre presentes em teu espírito, mas a razão os repele; que importa! Só possuímos realmente o que desejamos possuir, pois, para o homem não existe posse total, absoluta. Já não desejas a ti mesmo. Não desejas mais tua alegria. E como não se pode amar a si mesmo senão em Deus, deixas de amar a ti mesmo. E não mais amarás – nunca mais, neste mundo nem no outro, eternamente (BERNANOS, 2011, p. 121).

Em Bernanos, fé e liberdade não passam por um processo de *verificação*, como é típico ao cientificismo. Nele, verificação dá lugar à contemplação e ao misticismo, portanto à crença, através da linguagem de seus personagens, como os padres Donissan, de *Sob o Sol de Satã*, e o

²⁰ Jean-Bénier, que acompanhou Georges Bernanos em sua viagem a América do Sul, até a fase de Pirapora-MG, relata sua convivência com o escritor da seguinte maneira: “Eu o vi viver. Vi-o também escrever e, a princípio, no sentido mais material do termo. Sabe-se que ele, às vezes, negava ser um escritor; em todo caso, homem de gabinete, ocupado em trabalhos burocráticos, realmente não era [...]. Em Pirapora coloca-se à mesa, debaixo de uma árvore, no pátio de sua casa e luta contra o curso do sol para poder ficar à sombra [...]. Foi ali que o vi escrevendo três livros, dia a após dia, página a página, três livros que, cada tarde, página após página, quando o esplendor e a aridez dos dias brasileiros se fundiam em nossa angústia comum – que se pense naquele tempo!” (BÉNIER, 1968, p. 67-68).

narrador anônimo, de *Diário de um Pároco de Aldeia*. Há aí um paradoxo epistemológico que é preciso compreender à luz das Ciências da Religião.

O paradoxo é que os romances de Bernanos não deixam de ter referência com o real, apesar da prevalência do sobrenatural como metáfora e símbolo. Não é uma simples narrativa. É uma tentação permanente, que leva em conta recursos enigmáticos da linguagem simbólica, que aguça a imaginação e compreensão do leitor. O que se detecta, ao final, é que o mistério persiste, invariavelmente, sem que a ciência empírica possa sistematizar, apesar da premência das ciências.

[...] Penso nos animais que se arrastam até o seu buraco, depois de terem servido aos brinquedos cruéis das crianças. A curiosidade feroz dos demônios, sua tremenda solicitude pelo homem é de tal jeito misteriosa!... Ah! Se pudéssemos ver, com olhos de anjo, essas criaturas mutiladas! (BERNANOS, 2011, p. 94).

Para Bernanos, o inferno é eterno, cujo medo provoca angústia profunda, sendo a vida uma preparação para outro mundo, com fica patente no estilo existencial de seus personagens literários. Portanto, fé (crença em Deus e em si mesmo) e liberdade (penitência e abnegação) podem proporcionar uma ética de existência, sendo o racionalismo científico um instrumento de desnaturalização da originalidade humana, que é o amor e a reciprocidade. Portanto, a revelação religiosa representa uma experiência que extrapola o domínio da ciência, inclusive das que se ocupam dos estudos da religião. Assim, em Bernanos, crente das ideias contemplativas e da virtude cristã, a instrumentalidade científica não é infalível para tornar explícito o que é implícito.

Apesar de sua luta para fazer prevalecer os princípios cristãos, em confronto com o utilitarismo moderno, pode-se concordar com Lins (1968, p. 100) que, em Bernanos, não há um *ideal histórico*. Pelo contrário, pois lida-se com um pensador descrente quanto aos rumos da humanidade e potencialidade emancipatória das ciências. A insatisfação sempre esteve latente em sua literatura e manifestos, em permanente oposição às situações dominantes e opressoras. Assim, no que pese seu entusiasmo e esperança no percurso da própria vida, no exercício do perdão e da solidariedade humana, o

fato é que, para Bernanos, o mundo jamais se ajustará aos nossos ideais. Acaba prevalecendo uma desilusão!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa consistiu em recolocar no pensamento religioso brasileiro a obra e trajetória de um dos intelectuais católicos mais emblemáticos do Século XX. Personalidade complexa e polêmica, Georges Bernanos seguramente foi um ícone para toda uma geração de franceses e brasileiros católicos, que merece na atualidade novamente ser guindado ao debate acadêmico, especialmente nas Ciências da Religião. Acima de tudo merece ser lido pela geração do Século XXI, simplesmente pela dramaticidade e beleza criativa de sua literatura.

A curiosa passagem de Georges Bernanos pelo Brasil, nos anos 1938/45, por si só, já mereceria um estudo científico, principalmente pela escolha prosaica de autoexílio no interior de Minas Gerais, inicialmente indo parar em pleno sertão norte-mineiro, num momento histórico de eclosão da 2ª Grande Guerra Mundial. No entanto, a pesquisa centrou-se nos aspectos substantivos de sua instigante literatura, trazendo ao primeiro plano sua filosofia da existência e a questão da religiosidade. Essa nova oportunidade apareceu com a reedição dos principais livros clássicos do autor francês no Brasil, em 2010 e 2011, o que motivou a realização desta dissertação de mestrado.

A dissertação é resultado de uma tentativa de articulação analítica das noções de *fé* e *liberdade*, no exame das principais obras de Georges Bernanos publicadas recentemente no Brasil. Outro intento da pesquisa foi tentar buscar indícios históricos da influência do pensamento católico francês junto a uma elite intelectual brasileira, especialmente daquelas personalidades que admiraram e conviveram com o escritor durante sua estadia no Brasil.

Aprende-se com Georges Bernanos – na retomada contemporânea de sua literatura religiosa – que é preciso não ter ilusões, mas permanecer apaixonadamente enamorado pela vida, pela via do exercício cotidiano da fé e da liberdade. Nele, a crença em Deus e a salvação eterna compensam toda a luta e aflição do ser humano, que o tempo todo tem que lidar com as contingências da vida e a incompreensão dos infiéis.

É sabido que a crise espiritual da atualidade é a crise do homem racional moderno, nascido no contexto burguês. Esse debate torna-se fundamental,

pois convenceu-se que a razão triunfante se realizaria, a domesticar definitivamente a animalidade presente na natureza humana. Bernanos, no mínimo, põe essa premissa em questão, pois sua luta se dirige ao que Mounier (2004) chamou de reino da *mediocridade satisfeita* no mundo moderno, predominando o vazio demoníaco.

A razão serve à vida no sentido da sobrevivência, mas a intuição nos aproxima mais do mistério da vida. Somos um ponto cego para nós mesmos. Vivemos, mas não nos conhecemos. Perde-se contato consigo mesmo e com o próprio ser natural, pois somos conduzidos pelo imperativo da dominação e da instrumentalidade. No entanto, somos empurrados em direção a uma verdade, criados pela fé e pela liberdade que ainda nos restam.

Nesta dissertação, de forma alguma Georges Bernanos foi considerado um autor datado, circunscrito a um contexto histórico específico. Pelo contrário, chegamos a uma conclusão de que sua literatura e a interpretação de seu estilo de vida tornam-se primordiais para a compressão dos problemas contemporâneos, como a própria crise da modernidade.

Por fim, entendemos que o estudo da literatura e personalidade de Georges Bernanos contribui decisivamente para discussão sobre o papel da religião na construção ética do comportamento humano, sem juízo de valor a respeito de sua opção pelo conservadorismo cristão. Trata-se, na verdade, de um pensador que combate a escravidão na segurança, preferindo o tempo todo correr o risco da aventura humana. Para Georges Bernanos não existe liberdade sem fé. A liberdade se conquista mediante a graça divina. O homem livre é o homem que interroga e que responde! É o homem responsável!

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo-SP: Nova Cultural Ltda, 1996. (Os Pensadores).
- AMOROSO LIMA, Alceu. Bernanos no Brasil. In: SARRAZIN, Hubert. **Bernanos no Brasil** (Testemunhos vividos). Rio de Janeiro: Vozes, 1968.
- AMOROSO LIMA, Alceu. **Explicações pessoais**. A Ordem, jan/1948, p. 58-59.
- ARENDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996. (Os Pensadores).
- BERNANOS, Georges. **Diário de um Pároco de Aldeia**. Tradução de Edgar de Godói da Mata-Machado. São Paulo-SP: É Realizações Editora, 2011.
- BERNANOS, Georges. **Essais et écrits de combat I**. Textes présentés et annotés par Yves Bridel, Jacques Chabot et Joseph Jurt, sous la direction de Michel Estève. Paris: Gallimard, 1971 (Bibliothèque de La Pléiade).
- BERNANOS, Georges. **Essais et Écrits de Combat II**. Paris: Gallimard, "Bibliothèque de la Pléiade", 1995.
- BERNANOS, George. **La france contre les robots**. Rio de Janeiro, Atlântica Editora, 1994.
- BERNANOS, George. **La liberte pour quai faire?** Paris: Gallimard, Col. "Idées", 1972.
- BERNANOS, Georges. **Nous autres français**. Paris: Gallimard, 1939.
- BERNANOS, George. **O 'Front' das Amizades Francesas (para os "Diários Associados")**. Rio de Janeiro: O Jornal, terça-feira, 2 de julho de 1940, p. 3.
- BERNANOS, Georges. **Sob o Sol de Satã**. Tradução de Jorge de Lima. São Paulo-SP: É Realizações Editora, 2010.
- BOURRIER, Any. Sob o sol. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de set. 1987. 2º caderno, p.7.

BRIGHENTI, Agenor. **A ação católica e o novo lugar na igreja na sociedade**. Concilium, cristianismo e democracia. Petrópolis: Vozes, 2007.

COMBLIN, José. **O espírito no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

CORÇÃO, Gustavo. **O século do nada**. Rio de Janeiro: Record, 1973.

CUNHA, Pedro Octavio Carneiro da. Páginas de um Diário. In: SERRAZIN, Hubert. **Bernanos no Brasil**. (Testemunhos vividos). Petrópolis: Vozes, 1968. P. 187-210.

GARCIA, Madalena Padilla. **Autobiografía y ensayo em Georges Bernanos**: uma lectura de los grandes cemeterios bajo la luna. Murcia: Quaderna Editorial, 2008.

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar**: a virada hermenêutica da teologia. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

GIRARD, René. **Violência e o Sagrado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GOMES, Káthia Silva. **“Sob o Sol de Satã”**: fé e liberdade em Bernanos. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Projeto de Dissertação, 2012.

GORDAN, Paulus. Bernanos no Brasil. In: SERRAZIN, Hubert. **Bernanos no Brasil**. (Testemunhos vividos). Petrópolis: Vozes, 1968. p. 153-163.

GOSSELIN, Monique. **Bernanos e o Brasil** - Literatura e Sociedade, Online, São Paulo, n. 9, 2006. Disponível em: <USPwww.revistas.usp.br/ls/article/> Acesso em: 20 jul. 2013.

HARGREAVES, Henrique José. Bernanos. In: SERRAZIN, Hubert. **Bernanos no Brasil**. (Testemunhos vividos). Petrópolis: Vozes, 1968. p. 37- 46.

JOÃO. **A Bíblia**. Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1979.

LAFRANCE, Jean. Um grito que nos vem das entranhas. **O poder da oração**. Editorial A.O., 1992, pp.28-39, 41. Seleção de Tereza Messias, professora na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <http://www.snpcultura.org/quaresma_2013.html>. Acesso em: out. 2013.

LIMA, Geraldo França de. Com Bernanos no Brasil. In: SERRAZIN, Hubert. **Bernanos no Brasil**. (Testemunhos vividos). Petrópolis: Vozes, 1968. p. 105-117.

LINS, Álvaro. Bernanos, o Brasil e a Inglaterra. In: SERRAZIN, Hubert. **Bernanos no Brasil**. (Testemunhos vividos). Petrópolis: Vozes, 1968. p. 97-104.

LUIZ. Christ Eleeison blog [Internet]. Brasil, 2011. BERNANOS, Tunísia, 1948. Disponível em: <jul.www.christeeleyson.com/2011/08/vontadedecrito-segundo-georger.Html> Acesso em: set. 2013.

MARITAIN, J. **À travers le desastre**. Paris: Editions de Minuit, 1942.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOELLER, Charles. **Literatura do século XX e cristianismo: O Silêncio de Deus**. São Paulo: Flamboyant, 1958.

MOTA, Ivan Passos Bandeira da. **Um escritor francês no sertão de Minas**. Pirapora-MG: Corrente, 05 de agosto de 1988. p. 3.

MOUNIER, Emmanuel. Georges Bernanos: um sobrenaturalismo histórico. In: **A esperança dos desesperados: Malraux - Camus - Sarte - Bernanos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. Coimbra (Portugal): Ariadne Editora, 2004.

PAULO. **Bíblia Sagrada**. 1ª Epístola aos Coríntios. Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1979.

PAULO. **Bíblia Sagrada**. Epístola de São Paulo aos Gálatas. Tradução de Antônio pereira de Figueiredo. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1979.

QUEIROZ, Adalberto. **Presença e Permanência de Georges Bernanos, por Adalberto Queiroz**. Brasil, 21 de abril de 2009. Disponível em: <<http://www.paperblog.fr/2431926/presenca-e-permanencia-de-georges-bernanos-par-adalberto-de-queiroz/>>. Acesso em: set. 2013.

RAVASI, Dom Gianfranco. **Dom Gianfranco analisa a fé, esperança e o amor**. 2010. Disponível em: <<http://www.rainhamaria.com.br>>. Acesso em: set. 2013.

RIBAS, Geraldo. **Meu Convívio com Georges Bernanos**. Pirapora-MG: Tribuna Literária, junho, 1967, p. 13.

RODRIGUES, André Henrique. **Comentários breves: Aristóteles e o meio-termo**. 26 de agosto de 2013. Disponível em: <andrehenriquerodrigues.blogspot.com.BR> Acesso em: set. de 2013.

ROMANO, Roberto. Fascismo e pecados sexuais. **Instituto Ciência e Fé: Jornal de Ciência e Fé**. Paraná, agosto de 2002. Disponível em: <www.cienciaefe.org.br/jornal/agosto02/mt03.htm>. Acesso em: jan. 2012.

SARRAZIN, Hubert. **Bernanos no Brasil** (Testemunhos vividos). Rio de Janeiro: Vozes, 1968.

SILVA, Fernanda Maria de Souza e. **Terror e Exílio**: dialogues dês Carmelites, de G. Bernanos. 1998. 242f. Tese (Doutorado em Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ, 1998.

VALVERDE, Orlando. Dos ensaios de geografia urbana: Pirapora e Lapa. **Revista Brasileira de Geografia**. V.4, n.4, out-dez de 1944. Disponível em: <biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1944_v6_n4.pdf>. Acesso em: jan. 2014.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

WINOCK, Michel. **O Século dos Intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.